DR. ZEFERINO CANDIDO

A HONRA

DE

VASCO DA GAMA

....
Q'eu cá por mim, bem sabes como eu sou,
Mas é que outro talvez mande tirar
Certidão de baptismo a teu avô...

João de Deus.

RIO DE JANEIRO
Casa Mont'Alverne — Rua do Ouvidor 82

1898

EMBARGOS A' LIGEIREZA DO SR. SANCHES DE BAENA

OU

Á SUA "OBRA NOVA"

O DESCOBRIDOR DO BRASIL, PEDRO ALVARES CABRAL

Memoria apresentada á Academia Real das Sciencias

PELO

VISCONDE DE SANCHES DE BAENA

AO

Dr. Antonio Luiz Gomes

Estabelecido no Rio de Janeiro

OFFERECE

O autor.

Meu amigo

Offerecendo-lhe este pequeno trabalho, satisfaço um vivo desejo, quasi uma imperiosa necessidade.

Conheço-o de pouco, mas um conjunto de cauzaes brevemente nos fiseram irmãos de milicia, nesta cruzada do patriotismo.

Primeiro, esse sagrado cordão umbilical da educação scientifica. Coimbra, a nossa veneranda e sempre magestosa mãe, tem esse condão: os que por ali passaram, beberam aquella agua tão pura e crystallina como a de Castalia, ainda que em epocas diversas e diversas provincias scientificas, conhecem-se, presam-se e sentem-se atraidos, em toda a parte, em todo o tempo e por cima de todas as contingencias da vida.

Podem discordar em muitas ideias, gravitar para diversos ideaes, guiar-se na romagem por diferentes polares; ha sempre um belo circulo de harmonias em que se amam..

Nós mesmos damos a prova desta verdade. Se não somos adversarios politicos; se não temos, a respeito da terapeutica salvadora da nossa querida patria, opiniões opostas, não estamos convencidos da mesma etiologia. Entretanto, e disso pela minha parte me orgulho, não seria facil achar dois

companheiros mais firmes e unidos, quando se tratasse dos ultimos sacrificios pela salvação do velho e glorioso Portugal.

E será só, pensando como o meu amigo, que este grandissimo ideal poderá obter-se.

O inimigo é grande e poderoso, e nós não somos tantos, que possamos perder soldados, com a oposição de ideias que, por mais importantes que sejam, perdem de oportunidade no momento agudo da crise. Para cerrar as nossas legiões, é indispensavel que o primeiro mandamento de todo o portuguez se defina nesta palavra sublime — a patria.

Sejam quaes forem os symbolos que consagrem os outros, temos assim e sempre a segurança de que nos podemos abraçar todos sob a mais pura e bela de todas as bandeiras.

O meu amigo é d'uma tempera, d'um desinteresse, d'uma convicção e d'uma sinceridade taes, que me obrigaram, desde que o conheço, a respeital-o, inscrevendo-o no numero dos que podem e devem militar, á frente da cruzada pelo dever, pela honra, pela religião de todo o portuguez.

O nosso momento é critico e aflitivo; mas não é desesperador. Eu creio firmemente que podemos

vencel-o e resurgir com novo e vigoroso brilho. Falta-nos educação civica, orientação patriotica e crenças fortes que definam um ideal seguro e unifiquem os esforços de todos. Tudo isso póde vir d'um para outro momento; eu tenho fé. Não no milagre; mas nas grandes e messianicas aparições, produzidas pelas grandes e desesperadoras necessidades. E' uma das belas crenças que nos grangeia a lição da historia.

Eu não creio em Napoleão como um enviado da Providencia, prometido pelas profecias dos que choravam a triste e negra condição da plebe do seculo XVIII; comprehendo-o como produto logico da elaboração mental d'esse mesmo seculo, mas criado e educado, na sua poderosa musculatura, no meio das barricadas, no turbilhão dos grandes movimentos da Revolução, nos gritos desordenados das assembléas publicas e dos clubs secretos.

Tudo conspira para nos annunciar esse solemne e tenebroso momento, em que a nossa familia terá que contar exclusivamente com as suas forças para conjurar tantos males que se vêm acumulando de longe e miram uma total destruição! Que elle venha e nos seja dado a nós assistirmos a elle.

Os factos profeticos do Apocalypse estam-se realisando, guardadas as devidas proporções.

Quem não verá a imagem da perseguição da

nossa Egreja pelos judeus e gentios, nessa cruzada de descredito, de desrespeito, em que os modernos iconoclastas portuguezes andam apostados em reduzir a pó, a escombros, a Roma do nosso sublime passado !?

***

A Memoria do Sr. Sanches de Baena veiu cair-me no meio do trabalho modesto, com que o meu amigo sabe que eu tomei o arrojado compromisso de concorrer para a nossa commemoração do Centenario da India. O estudo longo, demorado, calmo, que tive de fazer, para architetar o meu «Portugal» já me tinha fundamente enraisado a opinião de que esta campanha do descredito lavrava de ha muito e com força suficiente para influenciar desastradamente a educação nacional. Pensava já, e tristemente o recordava a miudo, que a nossa mocidade, a moderna geração, precisamente aquella a quem parece reservado o mais ativo papel na obra da redemção da patria, vinha inquinada d'uma alta dose deste veneno, que uma falsa leitura da historia, desajudada de sã philosophia e d'uma retidão intransigente, lhe vinham ministrando ha vinte annos para cá.

O meu livro provará este conceito e lhe fará a necessaria analyse.

A Memoria, porém, se não foi uma nova revelação, se não me trouxe a noticia d'uma corrente nova, surprehendeu-me duplamente, pela edade do autor e pela sua qualificação official. Eu ignorava e, simples como sou, não podia crer que esta doutrina vandalica, infinitamente deleteria, criminosamente anti-patriotica, e scientificamente falsa e inane, tinha penetrado os umbraes da Academia Real das Sciencias, galvanisado os velhos, polarisado os cerebros encanecidos!

Esta triste revelação, este cruel desengano é que me fez ser mais duro no exame, mais severo no julgamento, que o meu amigo, sem esta explicação, podia suppôr carregado de mais.

E' que este conjunto de circumstancias mostram-me uma legião atraz d'um homem, um credo politico atraz d'uma opinião individual.

A commemoração do centenario da India é uma ideia grandiosa; sonhei-a mesmo um evangelho. De largas vistas, de largos fins. Podia e devia ser o marco da nova vida, a era da nossa redemção.

Podia e devia unir-nos a todos; accordar-nos da longa e fatal letargia; chamar-nos ao sol da luta honrada, da nova conquista em realisação do nosso messianico papel historico.

Vasco da Gama é o symbolo desta grande celebração, o dolo deste jubileu. O Sr. Sanches de

Baena, com a sua Memoria, pretendendo apear este idolo para lhe cuspir na fronte labcos de injurias calumniosas, não tem perdão, não o poderá ter d'um patriota!

O nosso immortal poema, o livro que no incendio devorador das nossas glorias, no naufragio da nossa independencia, ficará para sempre a attestar a nossa grandeza, o que será para o Sr. Sanches de Baena? Religião sem Deus, corpo sem alma, effeito sem causa!

Eu, meu amigo, passando em revista o que sobre a nossa historia têm escrito nos ultimos vinte annos uma parte dos nossos homens de letras, aconselho a todo o bom patriota, que queira instruir-se e edificar-se, que leia o que tem escrito os estrangeiros. E não dou conselho que não siga. Schaeffer, Ferdinand Denis, Humboldt, Clovis Lamarre e outros, tenho-os sempre á mão para meu conforto e contraveneno.

Que eu, felizmente, não creio que esta campanha consiga mais do que precipitar a crise.

Esta raça tem uma força de resistencia maravilhosa e excecional. O atavismo reata-lhe a cadeia dos seus heroismos; os Nunos, Pachecos, Castros e

Albuquerques, renascem e reaparecem, sempre que a patria precisa delles.

O brio, a dedicação, a força moral, andam e circulam nesta raça privilegiada, e integram-se, corporificam-se, sempre que uma grande necessidade os reclama.

Galhardo e Mousinho, os defensores atuaes da honra e da propriedade portuguezas não são legitimas reaparições?

Esmaga-nos, pretende acobardar-nos o nosso problema economico. E' realmente grave a situação, porque um povo, como um individuo, não resiste por muito tempo á miseria. Mas os nossos recursos materiaes são muito superiores ás nossas necessidades. Falta-nos plano largo, completo, radical e um apoio universal para a sua execução.

E' isso que pode e deve e ha de vir, d'um momento para o outro.

Decretar-se-á a salvação nacional; todas as formas e agremiações politicas tomarão a mesma orientação; a bandeira da patria consagrará a momentanea e indispensavel unidade.

Monarchistas e republicanos, liberaes e conservadores, collaborarão confiadamente, batendo-se uns ao lado dos outros, contra o inimigo commum.

A patria vestirá de gala e a sua honra, a sua

energia, a sua independencia retomarão a luz e a consistencia de antigas eras.

Seremos nesse dia os dignos filhos de nossos antepassados.

Infelizmente isto não será sem grandes abalos.

A forma evolutiva, que condusiria a este fim por uma sabia e bem medida apreciação de cauzas e de fenomenos, está muito afastada da nossa organisação actual. Nós somos um povo intelectualmente esterilisado pelo fanatismo religioso e pela suzerania politica.

Aquella boa orientação é representada por uma pequena minoria, repugnante á massa geral. Esta immerge secularmente n'uma ignorancia que a boçalisa e nulifica, não lhe permitindo a resistencia contra uma oligarchia politica que a explora miseravelmente. Esse é o estado de hontem, é o de hoje; mas não será o de amanhã.

A crise, materialisando-se em provações cada dia mais terriveis, precipitará o momento decisivo em que o sinistro balão, regulador deste equilibrio instavel, ha de estoirar no nosso espaço. Os empresarios desta comedia fugirão do circo, vaiados e perseguidos pela turba, agora selvagem e sinistra. Será a entrada dos grandes homens, ou pelo menos dos homens de grande autoridade. Cumpre que esses, senhores da situação, sejam tão sabios e energicos

na acção como justos e bons com os vencidos, dignos para com a patria que servirão.

Hoje as vitorias não pagam odios, nem saldam dividas de afrontas. O patibulo, a guilhotina são as grandes nodoas da Revolução franceza; Thiers a imagem dos sacerdotes do patriotismo; Robespierre a dos grandes facinoras, agaloados pela defesa d'uma boa cauza.

Jacaré, 5 de fevereiro de 1898.

ANTONIO ZEFERINO CANDIDO.

A QUEM LER

Este opusculo é, essencialmente, aquillo que o autor disse, em duas palestras, no *Retiro Litterario Portuguez*, nos dias 13 de Janeiro e 3 de Fevereiro corrente.

Não tem a pretenção de ser um trabalho de valor, nem pela forma, nem pela largueza. E' claro que nelle se tratam assuntos que demandam extensão muito superior; como é claro que a rapidez com que foi feito não permitte retoques e burilados que a arte exige.

E', como logo se vê, trabalho exclusivamente de critica e de occasião. Nem Vasco da Gama podia assistir ao seu jubileu coberto de andrajos; nem havia tempo para melhor, caso o autor o podesse fazer. Era preciso que este trabalho fosse lido antes, muito antes da festa, afim de que o publico podesse informar-se das calumnias e julgal-as.

E' tambem claro que não é para eruditos que foi feito o opusculo; mas para aquelles que não têm tempo de andar pelos recessos das bibliotecas, lendo os velhos alfarrabios onde está a nossa velha historia.

Somos gratos á imprensa que tem acolhido com palavras animadoras as nossas modestas tentativas de estudos historicos e, em grande parte, essas

palavras nos estimularam á publicação presente. Entre essas honrosas apreciações, reproduzimos aqui a que foi feita por um velho collega e companheiro do autor, nas lides da imprensa, o Sr. Augusto de Almeida, na *Gazeta da Tarde* de 17 de Janeiro.

PORTUGAL A'S DIREITAS

«Em sessão ordinaria, a 13 do corrente, na sociedade portugueza Retiro Litterario Portuguez, o Sr. Dr. Antonio Zeferino Candido, entre nós muito conhecido educador da mocidade brazileira, e que veiu de Lisboa para o Brazil em 1878, com o fim muito honroso, muito louvavel, e que muito o distinguiu, de propagar o systema de ensino denominado João de Deus, o que fez da maneira a mais bella e a mais brilhante não só para si, como para o systema que viera encarregado de propagar; o Sr. Dr. Antonio Zeferino Candido, que na imprensa fluminense occupou logar proeminente, com garbo, honra e illustração para todos que a seu lado serviram no mesmo jornal, fez uma conferencia que modestamente chamou palestra, sobre varios erros que encontrou na celeberrima memoria ultimamente apresentada á Real Academia das Sciencias de Lisboa sobre Pedro Alvares Cabral em que se deturpa de algum modo o valor e o merito do heroico navegador Vasco da Gama.

Ora, o trabalho do Sr. Dr. Zeferino Candido que não foi em vão, pois que trouxe liçao das mais uteis e proveitosas a quantos tiveram a felicidade

de correr para ouvil-o, nos pareceu quasi perdido, porque em cada frase, em cada palavra da referida memoria escripta pelo sr. visconde de Sanches de Baena, se descobre, á simples leitura, o erro palmar que o escriptor commetteu, a inverdade que deixou escapar dos bicos da sua penna para ficar sobre as tiras de papel, que depois a Academia custosamente mandou imprimir.

O Dr. Zeferino Candido fel-o porêm, com caprichoso estudo da questão e da historia, elucidando todas aquellas mentiras escandalosas que o illustre autor da memoria entendeu dever commemorar.

O Sr. visconde de Sanches de Baena tira naquella memoria todo o merito ao grande navegador Vasco da Gama, e para isso cita-o na celebre carta do frade de nome Francisco de Oliveira, que o narra em pessimo portuguez, tomando ordens menores aos 11 annos; logo, aos 30 ou 32, Vasco, o heroico descobridor do novo caminho das Indias, não poderia ser grande navegador a quem D. Manuel confiasse essa grande e gloriosa missão, que elle tão exacta e nobremente desempenhou.

A grandeza do assumpto de que se occupou exigia maior largueza de tempo do que aquella de que podia dispor o illustrado conferente que, interrompendo a sua refutação á celebre memoria do visconde de Sanches de Baena, prometteu ao seu numeroso auditorio continual-a em outras sessões, de que espero SS. não se esquecerá. — *Augusto de Almeida.*

(Editorial da *Gazeta da Tarde*, de 17 de Janeiro.)

***

Se o publico, pelo seu acolhimento, descortinar valias que para o autor são muito problematicas, elle continuará; se não, voltará ao silencio e á obscuridade, em que vive ha dez annos, e donde só conseguiu tiral-o a presente vibração da familia portugueza, com o centenario da India.

I

Le-se d'um folego e com avidez. O titulo convida; tem o feitio da oportunidade; o nome do autor é uma esperança, quasi uma garantia, de que se vai ganhar muito com a leitura. E' um academico; para o caso, que no momento abala, convulsiona a familia portugueza, é um assiduo frequentador da Torre do Tombo, de archivos e bibliotecas, por onde tem andado a desempoeirar velhos documentos, cuja vulgarisação nos pode trazer, ella só, o exato conhecimento da nossa grandiosa vida passada.

Desta vez, porêm, nem o autor accresceu a sua fama, nem nós almejámos o desejo com que atravessámos a derrota da leitura.

Quem é vulgarmente ilustrado no farto assunto da nossa historia colonial e sénte o impulso da veneração patriotica por essa bela epopeia de glorias consagradas, vai indo da desconfiança á duvida, até formar a certeza de que este trabalho anda muito afastado do justo e do real. E, quando completa a leitura e acaba o julgamento, fica-se por largo espaço, fitando com a alma abatida a orla d'um horisonte pardo e carregado, em que se acastelam as nuvens da descrença pelo alevantamento desta patria, fadada para tão outro ideal!

Que interesse legitimo, que principio respeitavel, que justiça irrefragavel poderá arrastar um espirito, lealmente portuguez, a alevantar discordias e dissabores n'uma commemoração tão digna, tão logica, tão justa, tão util, para não dizermos necessaria, como se afigura a do centenario do immortal feito do Gama!?

Quando mesmo no carater, no valor do homem, que ajudou a encher um seculo, tomando-lhe da fama e da gloria quasi a metade, quando nesse vulto existissem manchas,

a outros, a estranhos, a defensores de alheias glorias, caberia o papel de as desvendar, e a nós, a todos nós, o zelo, o acurado trabalho de as mantermos no olvido, ao menos, indispensavelmente, no momento em que tão só a luz nos interessa.

Mas, como fica mais triste a impressão da leitura, mais feia a injustiça do libelo, quando se verifica que o reu é ileso de toda a culpa, que lhe carrega o acusador!? E, como então, ao mesmo tempo que a defesa, ou antes a restituição das coisas, das pessoas, dos factos, ao justo logar onde estavam e onde têm que ficar, constitue um dever vulgar, como se não desejava a gente de encontrar com um adversario estrangeiro, em vez de topar no arnez d'um filho da mesma terra, comparticipe das mesmas glorias!?

*
* *

Transparece em toda a Memoria o pensamento dominante de colocar o immortal descobridor do Brazil acima do primeiro via-

geiro do grande golfão indiano pela travessia do Tormentorio.

E por que processo, em que termos, em que especie de comparações? Tudo pessoalmente, pelo lado subjetivo, pelo confronto de aptidões, de origens, de educações, de carateres!

Deixam-se as obras, sobre e a respeito das quaes se passa ligeiramente, perfunctoriamente, mais ou menos na espessura laminosa d'um Monteverde, d'um professor de primeiras e poucas letras, e medem-se os artistas n'uma craveira biologica centesimal, para, milimetro a milimetro, determinar metros de diferenças, até levantar um elefante junto d'um inseto, um gigante ao lado d'um pigmeu!

Primeiro a heraldica. Pedro Alvares leva o rastro luminoso da sua prosapia familiar por essa treva fóra, antes dos tempos primitivos das Hispanias. Esta prosapia assiste a todas as transformações e combates ethnicos da vetusta peninsula ocidental, atravessa os periodos lendarios, que ainda hoje e sempre ficarão conjeturaes; caravaneja e navega

nas mais vetustas migrações dos povos orientaes; por um triz que não a vemos emergir da primeira lenda paradisiaca, no berço humano, ao irradiar da primeira familia, do homem barro e da mulher costella. E toda esta perigrinação atravez de tantos seculos e de tantas e tão movimentadas fusões e alchimias genesicas, sem que aquelle sangue recebesse uma molecula de impureza.

«Os Cabraes vem dos Cabras, e já na Grecia, Carano, rei do logar, tomava os bichos para cognome e brazão, quando o Oraculo Apolino lhe ordenava que fizesse cabeça dos seus Estados onde o conduzissem aquelles ruminantes. (1)

E, sobre esta vetustez da familia, remata o Sr. Visconde:— «Seja como fôr, o que nos parece demonstrado, é que a familia Cabral demarca a sua existencia desde tempos immemoraveis, etc.» Fica, pois, isto demonstrado —*seja como fôr*, e não seremos nós que esmiucemos academicamente a valia da demons-

(1) Memoria, pag. 10.

tração, pelo infimo interesse que encontramos na vetustez da prosapia da familia Cabral.

***

A heraldica do Gama é para o Sr. Visconde outra, muito mais modesta e muito chegada a nós.

« Alvaro Annes, foi um cavalleiro honrado, que viveu em Olivença em tempo d'el-rei D. Affonso III (o conde de Bolonha). Serviu na conquista do Algarve, e tinha por alcunha — *o da Gama*, por ter domesticado um destes animaes a ponto de o acompanhar como se fosse um cão. Dizem que foi casado, mas não se alcança com quem.» (1)

Eis a origem do conde almirante, para o Sr. Baena. Seculo XIII, um domesticador de féras mansas, honrado, e de incerta honra familiar. O Sr. Visconde não afirma positi-

(1) Memoria, pag. 30.

vamente que a familia Gama venha da mancebia, mas tambem se não afoita a tel-a por legitima maridança.

Tambem não iremos, nem contestar nem esmiuçar o ponto, infimo da nossa derrota.

*
* *

Pedro Alvares ligou-se á familia dos marquezes de Villa Real, por uma filha de D. Fernando de Noronha, que fôra casado com uma irmã de Affonso de Albuquerque. Por enxertia, as relações são de primeira agua e o Sr. Visconde não se esqueceu de as evidenciar. A tirada, porêm, que exalta os meritos e os serviços de D. Garcia de Noronha cunhado do descobridor, é que foi um pouco puxada de mais. Sobre as façanhas do 11º governador e 3º vice-rei da India, o Sr. Baena não se informou capazmente.

Se o fizesse, sendo tamanho o seu empe-

nho em sugar renome deste affim, para acrisolar o seu heróe, fugia de certo deste senhor, cuja historia, na parte que se refere ao governo da India, não tem nada de edificante.

Ainda que não queremos cair no defeito capital da nossa censura, descobrindo quadros feios da nossa historia, não podemos passar por cima desta triste pagina, sem lhe dar um pouco de luz e de exatidão. Não perde com isso a nossa epopeia de glorias, porque estas só lucram, expurgando-as deste figurão e d'outros como elle, que infelizmente nos maream o brilho historico; é uma limpeza, um saneamento que deve fazer-se.

Diz o Sr. Visconde:—«Foi, pois, D. Garcia o 11º governador e 3º vice-rei deste estado. A sua escolha para este cargo encontrou o applauso unanime da côrte, os votos ardentissimos dos que se preoccupavam, a valer, com a nossa decadencia colonial, etc. Com pouca mais vida contava; mas essa pouca, havia de aproveital-a em serviço da patria, revocando toda a sua energia de plena virilidade.»

« Resolvida a partida de D. Garcia para a India, choveram de todos os lados offerecimentos valiosos de pessoas que o queriam acompanhar, e se punham incondicionalmente sob as suas ordens; tal era a confiança que tinham nelle e o desejo que os abrasava de ver *(grammatica, por conta do autor)* restituido ao seu antigo explendor o dominio de Portugal em além mar.»

« Passou muito de cem o numero dos homens illustres que de feito o acompanharam. Chegou á India, começou desde logo por soccorrer Antonio da Silveira, com 170 velas. Debatiamo-nos então com o primeiro cerco de Diu, essa monstruosa acção militar cuja historia é uma das paginas simultaneamente mais sublimes e mais horrorosas que conhecemos. O resto do governo de D. Garcia, cuja morte succedeu em Gôa, no anno de 1540, traduziu em provas eloquentissimas, em feitos da mais patriotica dedicação e denodada valentia, os generosos intuitos, com que acceitára o governo da India n'uma época, em que esta deixara de seduzir a ambição dos validos da côrte, e passára a

constituir o nosso maior problema administrativo». (1)

Esta exposição é bonita; está bem feita, artisticamente enramalhetada, mas não tem nada de verdade; ficaria aceitavel, se fosse toda posta do avesso.

Esta pretendida decadencia, derrocada, em que o Sr. Visconde supõe que se ia o nosso grande imperio do oriente, é uma figura de retorica, que cai no ponto com o proposito de fazer do celebre D. Garcia—*il salvatore della patria*.

Governava a India Nuno da Cunha, filho do velho Tristão da Cunha; não é preciso dizer mais nada, para eliminar aquelas sombras do Sr. Visconde. A India, legada por Affonso de Albuquerque, ainda não tinha decaido, quando este sobrinho do grande conquistador chegou lá em vice-rei.

Os dois governos, de Lopo Soares de Albergaria e Diogo Lopes de Sequeira, não foram ruins. Se não tiveram a força excecional do conquistador de Gôa, Malaca e

(1) Ibidem, pag. 28.

Ormuz, e por isso não lograram evitar tristes scenas de indisciplina; nem foram aladroados, nem lhes faltaram heroicas façanhas e dilatações de dominio e poder para a corôa de D. Manuel.

Duarte de Menezes é o primeiro pulha que se senta no solio do governo oriental; mas, as suas tristes e vergonhosas simonias, são brevemente esfregadas pelas sucessivas administrações de Vasco da Gama e do mallogrado Henrique de Menezes. O velho conde almirante, faz renascer o brio que um instante se apagára; o joven e meticuloso senhor do Louriçal, restabeleceu brilhantemente e até com um aparato exagerado a moralidade administrativa.

O periodo lastimoso de vinditas e desordenadas ambições de Lopo Vaz de Sampaio, principalmente exercidas contra a sua victima, o grande Pero de Mascarenhas, ainda não imprimem carater, nem fazem derrocada, como imagina o Sr. Baena.

Nuno da Cunha é o timoneiro, que por dez annos consecutivos dirige a pesada náo do imperio oriental. Com o seu longo e bri-

lhante governo, sente-se renascer o tempo do grande Albuquerque. Se este sujeitou ao dominio da corôa do Venturoso as tres fortalezas de Gôa, Malaca e Ormuz, aquelle obteve e deixou na posse do Inquisidor, as dc Challe, Baçaim e Diu, que, como diz João de Barros, foram de tanta importancia ao Estado da India e do Reino como aquellas outras. (1)

***

A historia da nomeação de D. Garcia, como a contam a unisono todos os historiadores de fé, expurgada mesmo do que ella tem de peior para o 3° vice-rei, é a seguinte:

Chegou a Lisboa, aos ouvidos de D. João III e á côrte, a noticia de que o Grão Turco, de mãos dadas com os mais assanhados rajás do oriente, mas muito em especial com o rei de Cambaya, preparava uma armada para ir

(1) Asia, Decada IV, Livro X, cap. XXI.

á India, enxotar de vez os portuguezes de lá para fóra.

A noticia vinha com os exageros naturaes e produziu grande alarme no reino.

O Inquisidor reuniu o seu conselho e assentou de mandar seu irmão, o infante D. Luiz, com poderes magestaticos e força grande. Nesta hypothese, Nuno da Cunha, que naturalmente sabia do caso e se preparava, continuaria a servir debaixo das ordens do infante, que, tambem muito naturalmente, ia mais para dar tom á empreza do que paulada na mourama e no gentio.

Expediu-se ordem pelo reino, fazendo alistamentos, e o voluntariado não deu nada ou pouco mais. Chamaram-se os fidalgos velhos e ricos e os morgados á matricula; os paes dos morgados vieram diante do rei alegar a sua justiça e isentar os filhos deste tributo, que, no dizer delles, só podia ser imposto para o serviço da Africa e não da India. D. Pedro Deça foi rude na sua recusa « que não possuia nada da corôa, mas que, se alguma coisa tinha, lh'a tirassem ». El-rei riscou-o dos seus livros. Outros, mais

comedidos, mas firmes no seu protesto, apelaram do rei para a mesa da consciencia, de que era presidente D. Frei João Soares, bispo de Coimbra. Este, reunindo a meza, decidiu com ella o pleito contra el-rei. Esta resistencia, que dava em resultado não haver quem quizesse acompanhar o infante, fez com que se desistisse da sua ida, no meio de varias murmurações dos nobres e do povo.

Resolveu-se então mandar um fidalgo velho, com o titulo de vice-rei, e foi escolhido D. Garcia de Noronha.

Tristão da Cunha foi-se a el-rei com a sua queixa—de que elle satisfazia tão mal a seu filho, que por quasi dez annos o tinha servido com tanto zelo e inteireza; que elle lhe tinha dado as fortalezas de Diu e Baçaim e tambem lhe havia de dar as galés dos Rumes, se passassem á India, porque elle confiava de seu filho que estaria já no mar com um muito grosso poder para os ir buscar; que não parecia justiça que a armada, que elle com tanto suor havia de ter negociada, fosse outrem a tomar-lh'a e roubar-lhe com ella a honra que esperava da vitoria dos Turcos,

e mais, quando seu filho o não tinha desservido em coisa alguma.

Tinha-se resolvido mandar oito mil homens com o infante; reduziu-se o numero á metade, para ir com D. Garcia. Chamaram-se todos os presos e condemnados que estavam pelas cadeias de todo o reino; chamaram-se os que andavam fugidos por crimes, dando-se a todos o perdão pelo alistamento.

(Vamos acompanhando a narrativa de Diogo do Couto, que, como elle diz, se creou na guarda roupa do infante até a edade de dez annos (1), testemunha presencial de tudo, palaciano e autoridade indiscutida).

Apezar de tudo, conta Francisco de Andrade (2) que iam na armada «passante de dois mil homens de que os oito centos eram fidalgos e cavaleiros e criados del-rei e dos infantes, porêm os outros eram gente de pouco soldo, mal vestida e repairada em que havia muitos moços sem barba».

Ora ahi está mais do que provado — 1.º a unanimidade que houve na corte pela escolha

(1) Asia, Decad. V, L. III cap. VIII.
(2) Chronica de D. João III, 3ª parte fs. 78 v. e 79.

deste fidalgo; 2.º o entusiasmo do alistamento e os oferecimentos que choviam de todos os lados.

Pinheiro Chagas, neste ponto influenciado por Francisco de Andrade, diz (1):—«Quem era, pois, o homem que merecera a D. João III a honra de que os nossos reis se mostravam tão avaros? Era um cortesão de alta nobreza e de avançada edade, que se chamava D. Garcia de Noronha».

«Ao seu valimento no paço devera unicamente o importante cargo que ia occupar, e o titulo de vice-rei, que só devia ser recompensa de altos serviços, foi nesta occasião dadiva outorgada pelo capricho real».

«D. Garcia de Noronha era pobre e tinha numerosa familia. Entendeu el-rei que o melhor modo de o enriquecer, sem abrir o seu regio bolsinho, já bastante empobrecido, era dar-lhe o governo da India».

«D. Garcia de Noronha era um optimo pae de familia, o que o devia impedir um pouco de ser um optimo governador».

---

(1) Historia Popular, vol. 5º pag. 403.

E um pouco adiante:—«As intrigas da côrte haviam vencido afinal a consciencia que o governo tinha de que Nuno da Cunha era na India um homem necessario».

«Nuno da Cunha indignava-se com razão de ter que reconhecer, depois de dez annos de serviços constantes e gloriosos, um superior, n'um fidalgo que só ao valimento da côrte devera o titulo de vice-rei de que vinha adornado».

«A friesa das relações entre os dois governadores exacerbou-se e degenerou em discordia, quando o vice-rei pediu um dinheiro emprestado a Nuno da Cunha. Este aproveitou o ensejo para se vingar da tacita afronta que recebera e recusou-lh'o, partindo logo depois para o reino, aonde não tinha que chegar».

***

Liquidemos o incidente dado com Nuno da Cunha; condusamos este valente e inte-

merato portuguez ao tumulo; velemos-lhe a face heroica e honrada, para podermos falar de Garcia de Noronha. A lama não é para ser carregada em salvas de prata esmaltada!

D. Garcia chegou a Goa, ao tempo que Nuno da Cunha estava bem apercebido para ir socorrer Diu. Nada lhe faltava e em pessoa ia partir, com grande e nobre entusiasmo dos seus companheiros e voluntarios.

Vendo a indecisão do vice-rei e as suas delongas, aconselhou-o a que fosse sem perda de tempo; ou que o deixasse ir a elle, prestando-se a servir debaixo das suas ordens. Escreveu-lhe cartas sobre cartas, pondo-lhe tudo em pratos limpos.

Convenceu-se de que malhava em ferro frio, e, desenganado, pediu-lhe um barco para vir para o reino.

— Que lh'o não dava, porque de todos precisava.

— Mas que elle prometera a seu pai em Lisboa de lhe dar um barco de sua escolha, segundo o velho Tristão da Cunha lhe escrevera.

— Que sim; fizéra essa promessa em Lisboa, onde não havia Rumes; mas em Goa o caso era outro.

O valente soldado, o governador impoluto, o serviçal de dez annos ininterrutos, calou-se. Embarcou para Cochim nas náos de carga e dahi alugou uma em que viesse, pagando a sua passagem de volta.

D. Garcia, quando soube em Goa da resolução tomada pela sua vitima, mandou as suas ordens para que Nuno da Cunha fosse responsabilisado pelos damnos, prejuizos ou avarias, que se verificassem na carga e no barco em que fosse. Nuno da Cunha tinha emudecido já; concordou com tudo e embarcou.

Ficava em Goa uma outra sombra de Garcia de Noronha; era Martim Affonso de Souza, o valente capitão do mar de Nuno da Cunha.

O cerco de Diu fora levantado e a armada do Turco, acobardada e convencida da sua impotencia, fugia para o golfo arabico. Chega a Goa essa noticia. Martim Affonso de Souza vai ao vice-rei e pede-lhe licença para

ir-lhe no encalce e prendel-a e katival-a; que algumas galés e navios de remo era tudo que precisava para esta empreza; que era uma vergonha deixar o Turco voltar á sua terra.

— Que não; que era tarde: que era trabalho e tempo perdido.

O bravo capitão, envergonhado de tamanha cobardia e não querendo comparticipar de tão infamante degradação da honra portugueza, pediu escusa do seu logar e licença para voltar ao reino; licença — *que elle logo lhe deu*, diz Diogo do Couto, *por ficar aquelle logar de capitão mór do mar vasio, para o dar a seu filho D. Alvaro*. De facto, Martim Affonso foi para Cochim, a tempo de se embarcar com Nuno da Cunha.

***

Redusido ao ultimo extremo, pobre, ultrajado, o veterano de tantas batalhas que todas contára por vitorias, o homem que em dez

annos curvára todo o oriente ao respeito das armas e do poder invencivel de Portgual, eil-o de volta para a sua terra, como um galés para o presidio. Felizmente para elle, ia para a morte, o maior triunfo que a sorte e a justiça do rei Inquisidor lhe preparavam. O desgosto trouxe-lhe a doença e esta, por sua dita, levou-o á morte, quando dobrava o Cabo da Boa Esperança.

Quando a presentiu, fez as suas ultimas disposições. Determinava que o seu cadaver fosse lançado ao mar, com duas balas amarradas aos pés e que, apenas o navio chegasse a Lisboa, se levasse a sua familia a noticia e o pedido que elle lhe fazia, de que pagasse a el-rei o preço das duas balas—unica coisa que lhe devia.

Se não tivesse a ventura de ficar no fundo do mar, teria que vir a Lisboa carregado de ferros.

D. João III mandara-o esperar na altura da Terceira, com essa ordem para elle e toda a sua comitiva.

Porque? D. Garcia de Noronha tinha mandado Diogo Botelho, lobo do mar, n'um na-

vio veloz, a Lisboa, com cartas ào rei em que calumniava e difamava Nuno da Cunha.

***

Saiu D. Garcia de Noronha de Lis'oa com dose náos e chegou a Goa (12 de Setembro de 1538) com nove.

A náo do Drago, onde iam os condemnados, foi ao fundo antes de Moçambique: — «*Pareceu permissão divina*, diz Diogo do Couto, *de toda esta armada não se perder outra senão ella, porque, como levava muitos homens condemnados á morte por casos graves e feios, parece que quiz Deus nosso Senhor fazer justiça delles, já que em Portugal se não fizera, porque não se houve por servido ainda neste negocio de homens tão abominaveis e crueis como alguns que alli iam*».

Em Goa achou o vice-rei tudo pronto para o socorro de Diu. Segundo Couto, a armada de Nuno da Cunha compunha-se de oitenta velas, em que entravam quarenta náos gros-

sas, galeões e caravelas e o resto eram galés e fustas.

Os armazens cheios de munições e mantimentos; gente muita, serviçal e voluntaria, sendo grande parte de naturaes. O entusiasmo geral, a confiança cega, como a inspirava o nome e as façanhas de Nuno da Cunha.

Uma vez reconhecida a desinteligencia entre D. Garcia e Nuno da Cunha e retirado este para Cochim para voltar ao reino, começou a lavrar o descontentamento, principalmente nos que já estavam prontos para seguir com o governador e que iam percebendo que o vice-rei viera para engordar e não para seguir. Diz Andrade, falando do muito p vo que estava pronto para acompanhar Nuno da Cunha — «que, tendo novas da vinda do vice-rei D. Garcia, se esfriou em todos de maneira o fervor que traziam para acompanharem Nuno da Cunha, que muitos delles se espalharam por outras partes». Metteram a cara no mato, como se diz cá pelo Brasil; dito que o Snr. Visconde conhece muito bem.

Então o vice-rei seguiu no oriente o mesmo processo empregado no reino. (Era

um destino!) Mandou juntar os presos e criminosos de todas as fortalezas, os omisiados e degradados; a todos oferecia o perdão. Pediu escravos a toda a gente, prometendo pagar os que fossem inutilisados e o soldo aos que restituisse.

Pedinchou dinheiro por toda a parte e a todo o mundo — «com que se juntou muito dinheiro e muitos escravos de que depois os pagamentos não foram taes como se prometeram». (1)

E afinal, com a sua armada, com a de Nuno da Cunha que achou *de verga d'alto*, com a muita gente que recrutou e grandes sommas que juntou, o cerco de Diu corria seu destino. Antonio da Silveira defendia-se como um leão; todos os seus companheiros, entrando velhos, crianças e mulheres, vendiam a vida por preço quasi divino; e o vice-rei *engordava* em Goa!

« Chegou á India, começou desde logo por soccorrer Antonio da Silveira, com 170 velas» diz o Sr. Visconde. (2) Esta somma de velas

(1) Andrade — Chronica, 3ª parte fs. 78 v. e 79.
(2) Memoria, pag. 28.

nunca o vice-rei possuiu, juntando a grande armada que achou pronta em Goa com a que levava do reino. A que proporções queria o Sr. Baena reduzir uma das maiores façanhas dos portuguezes, qual a do primeiro cerco de Diu, que eccoou por todo o mundo com uma vibração que ainda hoje se escuta, se este socorro tivesse existido!?

D. Garcia despediu João de Cordova, capitão de um catur, com cartas a Antonio da Silveira, em que lhe fazia saber da sua chegada (1). Um catur, com cartas, eis o primeiro socorro.

Chegou a Goa, n'um catur, Miguel Vaz, que trazia a noticia da grande força que cercava a fortaleza e o pedido de auxilio. O vice-rei reenviou o portador e o catur, com a promessa ao incomparavel Silveira de que em breve seria com elle.

Mandou cinco navios de remo com munições.

Recebendo novas noticias e pedidos por D. Duarte de Lima, mandou Antonio da Silva

(1) Couto—Decada V., liv. III cap. IX.

com 40 navios ligeiros. Este socorro, porêm, chegou a Diu, quando a armada do Turco se retirava, completamente convencido Solimão —Paxá de que não rendia a fortaleza.O cerco estava findado.

Ora eis aqui o socorro que D. Garcia de Noronha prestou a Antonio da Silveira!

Chegou por fim a Goa a nova do levantamento do cerco e da retirada da armada do Turco. O *valente* vice-rei estava no mar com toda a sua valente armada a postos e de morrões accesos—*para nada*, como dizia ao rei de Castella aquelle fidalgo granadino que saiu da sua terra com 25 cavalos.

Aqui se deu um facto, como conta Diogo do Couto, que vem a calhar, para ser repetido ao Sr. Visconde.

O vice-rei mandou communicar a nova a toda a armada, com grandes signaes de alvoroço e alegria.

«E correndo logo as novas pela armada, ficaram todos mui melancolisados e tristes, porque desejavam de provar as mãos com os Rumes, para o que estavam tão alvoroçados, que se desfaziam, e não sabiam qual havia

de ser a hora, em que o vice-rei os havia de ir buscar. E, sabendo agora que eram idos, começou a haver grandes pragas e murmurações por toda a armada contra o vice-rei, porque os andava entretendo e enganando, com lhes dizer cada dia que logo ia e que elle os meteria em meio dos inimigos; e que se elle não viera do reino, que Nuno da Cunha os houvera de ir buscar, e que nenhuma galé houvera de tornar a Suez, etc » (1)

Agora sim, temos homem. O turco lá vai pelo golfo arabico, sorrateiro e perverso, cortando as cabeças a todos os portuguezes que conseguiu cativar; Diu está em ruinas, argamassadas com o sangue de incomparaveis heróes. Em terra e mar não ha vestigios de inimigos. Agora, sim. O *bravo* D. Garcia de Noronha já póde sair de Goa de velas enfunadas e bandeiras nos tópes dos mastros, vestindo a farda impoluta das vitorias e dos triunfos.

Ha muito que fazer em Diu; é a partilha dos louros e principalmente a liquidação dos despojos.

(1) Couto—Ibidem, pag. 449.

***

A armada era de 22 navios grossos, 9 galés, 10 galeotas latinas e outros navios de remo.

Mas o destino é inexoravel! Velho avarento e poltrão! tu fugiste ao ferro inimigo, mas não podeste evitar a luta, luta ingloria, mas terrivel, a luta da natureza, o implacavel castigo do destino, que te acompanhava!

Em Dabul uma horrivel tempestade se desencadeou sobre a armada; era a Vara do Coromandel, como lhe chamavam os naturaes. Foi preciso alijar ao mar tudo que ia nas náos!

Não quizeste empregar essas armas, que te entregaram, na aniquilação do inimigo e preferiste lançal-as no fundo do vasto pego! E' que ellas ficaram malditas e não podiam mais servir em pugnas honradas.

Emquanto se reparava a fortaleza, o vicerei especulava e fazia-o vergonhosamente. Mandava embaixadores ao rei de Cambaya

a provocal-o a pazes. Estas se fizeram de facto; pazes tristes e vilipendiosas.

(Tenha paciencia, Snr. Visconde, se eu carrego muito na pintura; é o coração portuguez que está falando; e, quanto á justiça que me assiste, esmagou-a V. Ex., negando estas crueis verdades que se acham autenticadas com cores não menos vivas nos historiadores daquelles tempos).

«Estas pazes foram murmuradas de alguns, diz Diogo do Couto, porque haviam que foram feitas com grande descredito do Estado; principalmente na parede que se lhes consentia, com que os nossos ficaram encurralados na fortaleza, que depois foi occasião do segundo cerco, que se lhe poz em tempo do governador D. João de Castro».

Francisco de Andrade é muito mais claro e incisivo:— «O vice-rei foi indo de Goa a Diu com todo o seu vagar, fazendo boas negociatas, engordando; não faltavam praguentos que lhe assacassem que todas estas dilações fazia afim de seu interesse grangeado nestas terras co'os naturaes e co'os estrangeiros por meios não muito licitos».

Falando das pazes, diz Andrade: — «e, ajuntando-se todos tres em Diu, trataram logo do concerto da paz, em que o vice-rei lhe largou a alfandega da villa dos Rumes e a metade da de Diu, e que de longo das casas da cidade podessem fazer uma parede de largura d'um covado e meio e de altura de dois homens, etc.»

«Com estas e muitas outras larguezas que elles pediram e o vice-rei lhes concedeu, foram concluidas as pazes e assinadas e apregoadas logo por ambas as partes, donde os calumniadores e maldizentes tomaram motivo de praguejarem do vice-rei, assacando-lhe que tambem neste negocio fizera seu proveito».

Se volvermos dos velhos para os novos, as coisas ainda ficam mais carregadas nas cores.

«A armada, diz Pinheiro Chagas, que D. Garcia de Noronha juntou para vir descercar Diu, constava de 150 velas e levava a bordo cinco mil homens de desembarque e mil e quinhentos marinheiros».

«Mas uma tempestade dispersou-a; o vice-rei navegou com todo o vagar, porque foi pelo caminho cuidando mais dos seus interes-

ses particulares do que das urgencias do Estado. Quando chegou a Diu tinha apenas cincoenta velas».

Tratando das pazes:—«Não esperou que lh'as pedissem, como a vencedor, foi elle mesmo propol-as. Que supremo desaire! Conseguiram os Indios, a peso de oiro, todas as condições que não tinham podido impor a ferro e a fogo».

E esta bela frase:—«Tinha esta cidade de ser teatro da gloria e da vergonha dos portuguezes, da gloria dos guerreiros, da vergonha dos negociadores. Onde Antonio da Silveira cingira a fronte com os louros immarcessiveis de uma vitoria sobre-humana, aviltára D. Garcia de Noronha os seus cabelos brancos. Apenas desaparecia na bainha a espada heroica do combatente, aparecia logo a insaciavel garra do salteador sem freio!»

Destes acambraiados guardanapos acha o Snr. Visconde tantos quantos quizer, para limpar o suor frio da coragem com que nos veiu engazopar, querendo abrir a porta do capitolio a um galés, que ha mais de tres seculos foi jogado e cuspido na rocha tarpeia.

*
* *

Gaspar Correia, escritor tão familiar do Sr. Baena, a ponto de lhe falsificar a opinião como veremos, conta deste pulha, D. Garcia de Noronha, que já era um negociador de veniagas, um panamazista indecente, quando militava como capitão debaixo das ordens de seu tio, o grande Affonso de Albuquerque.

As pazes de Benastarim, negociadas com Rosalcão, foram, como affirma o Gaspar, obtidas do tio, a peso de oiro, pelo sobrinho. Vinha-lhe da mocidade o belo veso da engorda, e não morreu com elle. O filho, D. Antonio, que casou com uma das filhas da *Piró*, foi assassinado em 1550 pelos indios, á porta d'um pagode que mandou incendiar. Diz o nosso Camillo:— «Este fidalgo era filho do mais scelerado vice-rei que fôra á India, D. Garcia de Noronha, e irmão de D. Alvaro, capitão de Ormuz, notabilissimo pirata». (1)

(1) Tragedias da India, pag 117.

Foi duplamente infeliz o Snr. Baena com esta sua improficua tentativa; poz D. Garcia de Noronha novamente na fogueira, estando esquecido, e veiu fazer córar o venerando vulto do cunhado, o immortal descobridor do Brazil, que nem precisa de luz refrata de affins, nem deseja que lhe tragam á lembrança as suas relações com este refinado patife.

E basta neste ponto.

II

O capitulo III consagra-o o Sr. Baena á genealogia biographica da familia Gama. Enxertou por ella fóra umas novelas e umas rodelas, que, se corressem mundo sem corretivo, davam á nossa historia patria e ao mais brilhante dos seus periodos um aspeto horripilante.

Pelos pequenos erros se pode logo conhecer que o autor não prima pelo escrupulo, o que já prepara o leitor para o justo julgamento dos pontos cardeaes.

Diz-nos que João Alvares da Gama esteve com o *bravo* Affonso IV no Salado — «*em que os portuguezes ajudaram os hespanhoes contra o maior exercito até então visto de mouros e marroquinos colligados*». Isto está cheio de senões, que se não podem perdoar n'um aca-

demico, mórmente quando elle nos aparece de vergasta na mão, dando com ella em meio mundo.

Em 1340, anno da batalha do Salado, não havia hespanhoes; a Hespanha, a fusão dos antigos reinos peninsulares, que hoje tem este nome, é um facto historico do fim do seculo XV, do reinado de Fernando e Izabel.

Do exercito mussulmano, que entrou nesta batalha, ninguem pode ao certo dar a descrição, nem mesmo comparal-o com os que n'outras épocas tinham invadido a peninsula. Sabe-se que era muito grande; nada mais.

N'aquelle tempo a estatistica militar era fundamentalmente imaginativa e impressionista; não havia matricula nem registro. Tantos como as areias do mar, as estrellas dos ceus, as hervas dos campos e outras hyperboles cotaes.

Que o exercito sarraceno era de mouros e marroquinos, é erro grave, fundamental. Mouros e marroquinos não formam antithese; são synonimos, como gentilicos e patrios. E, na especie, a fixação da qualidade e origem dos dois exercitos que se colligaram é essencial,

porque estabelece uma diferenciação caracteristica, para graduar a vitoria de Affonso IV. Um historiador severo e patriota não cae neste erro.

O exercito sarraceno compunha-se de dois exercitos distintos — mouros marroquinos, capitaneados por Abul-Hassan, rei de Marrocos, e mouros-granadinos, commandados pelo rei de Granada, a quem aquelle pediu auxilio contra Affonso XI, rei de Castella. Este, por seu turno, pediu auxilio ao sogro, Affonso IV de Portugal.

Ora, succedeu exatamente que Affonso XI bateu os marroquinos e Affonso IV os granadinos; facto que exalta grandemente a vitoria do rei portuguez, porque os soldados de Granada passavam nesse tempo pelos mais valentes da familia mussulmana.

***

Passando por alto, para encurtar razões, muitos ramos da arvore, chegamos a Estevam

da Gama, pai do grande navegador, e ahi a atmosfera vai ficando terrivelmente carregada. Este § VI era melhor suprimil-o todo.

Que foi creado do infante D. Fernando, 1.º duque de Vizeu. Então o ducado de Vizeu não foi instituido por D. João I na pessoa do filho D. Henrique, na volta de Ceuta, simultaneamente com o de Coimbra, na pessoa do martyr de Alfarrobeira!?

Este infante D. Fernando, irmão de Affonso V, que o Sr. Baena tão ligeiramente qualifica, afirmando que--*voltou os olhos cubiçosos de gloria para as conquistas de Africa, levado pelas tradições de familia e pelos desejos de alargar o nosso territorio em além-mar,* não é typo para circumscrever-se assim tão simples e facilmente.

A philosophia historica, o criterio scientifico, que definem esta epoca extraordinariamente dificil da historia patria, veem-se ainda hoje seriamente embaraçados no julgamento deste carater, que tão poderosamente influiu na marcha dos acontecimentos. E a opinião, que o Snr. Baena pretende acobertar com a autoridade do Sr. Visconde de Castilho, não

é seguramente a que melhor se harmonisa com a historia e com a sã philosophia.

A pouca firmeza do julgamento do Sr. Baena se demonstra, logo no periodo immediato, onde o carater do infante já é muito diversamente desenhado:— «D. Affonso V, recommendou-lhe mui particularmente a guarda de seu irmão, e sobretudo que obstasse quanto possivel a que elle, pelo seu animo ardido e irrefletido, commettesse alguma temeridade de consequencias fataes».

O inconsequente Affonso V, fazendo ao aio do irmão similhante recommendação, parece não ter, a respeito da empresa e das intenções de seu mano, a mesma ideia que o Sr. Baena lhe empresta no primeiro periodo. E' um ponto em que eu não hesito em largar o autor da Memoria, para, ao menos esta vez, concordar com o *Africano*.

***

Daqui por diante é que a critica historica do Sr. Baena nos dá tres afirmações extra-

ordinarias, que somos forçados a destruir, em nome da justiça, da fama e da honra da nossa historia.

Primeira:— «D. Estevam da Gama e o bispo de Safim D. João Sotil, seu intimo amigo e aparentado, foram vitimas de D. João II, d'envolta com a tragedia do Duque de Vizeu; *segunda:*— «Vasco da Gama e seu irmão Paulo foram minoristas e estudaram para padre; *terceira:*— «D. João II, quando a morte se lhe avisinhava, suplicou ao papa o perdão dos seus peccados, confessando então que só á sua parte mandára matar oitenta homens».

Tratemos de cada uma em separado.

***

O processo empregado pelo Snr. Visconde de Sanches de Baena, na demonstração da primeira afirmação, é carateristico; por elle os estudiosos apreciarão a sua bagagem e luzes historicas.

Estava firmemente assentado, pelo consenso de todos os historiadores da época, de autoridades que foram fartamente analysadas e consagradas, que a familia dos Gamas viveu na intimidade, collaboração e lealdade da dynastia joannina. Serviram com toda a dedicação D. Duarte, Affonso V, D. João II, D. Manuel e por ahi alem, cada dia com mais gloria, com mais fama. O Sr. Sanches de Baena se não esquiva a essa confissão, transcrevendo ou notificando a serie crescente de mercês, que todos aquelles reinados conferem aos Gamas.

Estevam, o pai do grande descobridor, recebe-as fartas de D. João II, ainda no celebre anno de 1484, no tragico periodo do grande reinado, entre a morte do Duque de Bragança e a do Duque de Vizeu.

Em 1492, D. João II aproveita os serviços especiaes de Vasco da Gama, futuro descobridor da India, *fidalgo da sua casa, pessoa de que fazia estimação e conceito,* (1) *homem de quem elle confiava, e servia em armadas*

(1) D. Antonio Caetano de Souza.--- Hist. Geneal. Vol. III, pag. 113.

e coisas do mar (1), mandando-o aprisionar quantos navios francezes ancoravam em aguas de Portugal, em represalia de uma caravela que havia sido tomada por corsarios francezes, na volta da Guiné.

Neste quadro historico, tão limpido, tão logico, vem agora o Sr. Sanches de Baena com a sua brocha, passar uma mão de pixe, dando-nos Estevam da Gama como uma das vitimas da conspiração contra D. João II e o seu trono!

E como? Achou o Sr. Visconde na Torre do Tombo, codice 1126, fol. 241, uma carta incompleta, dirigida por um tal frei Francisco de Oliveira ao Sr seu tio, D. Ignacio de Nossa Senhora da Bôa-Morte. Publíca este documento, sob n. III e sobre elle e com a sua logica, manipula no texto as suas chorudas affirmações.

A celebre carta é a seguinte:

«I. M. — Revmo. P M. D. Ignacio de Nossa Senhora da Bôa Morte.

---

(1) Garcia de Rezende — Chron. de D. João II, fs. 65 vº.

Meu tio e senhor

Todas as vezes que V. Rev^{ma}. me communica as suas novas as estimo summamente com o precioso donativo das estampas de S. Miguel muito mais.................

....

Como V. Rev^{ma}. sabe os nomes de todos os comendatarios D. João Sotil, Bispo de Safim que na 1ª Dominga de 1480 ordenou de Menores, em Sines, a D. Vasco da Gama, depois 1º Conde de Vidigueira e a seu irmão D. Paulo da Gama que acompanhou-o na viagem á India e veio falecer na Ilha 3ª. em 1499 e juntamente ao tio materno destes, Vicente Sodré, morto na Ilha de Curia-Muria como o traz Mariz na vida do Rey D. Manuel, pág. mil 415. He certo que o dito Bispo foy Reitor da Universidade que emtão existia em Lisbôa. Foi commendatario não sei se de Grijó, se de S. Jorge, perto de Coimbra e que morrera preso por ordem de D. João 2.º, mas V. Rev^{ma}. dirá isto com mais exacção e miudeza..................

....

....

Copiamos fielmente de pag. 78 e 79 da Memoria.

Este papel, a um mediocre historiador, que saiba o *a b c* da sciencia historica, que meça a responsabilidade das suas afirmações, não teria mais valor do que o de um éstimulo para devassas, um convite para o estudo analytico e comparado, por onde se chegasse á sua confirmação ou rejeição. Para prova, não diremos já, de facto novo, innarrado, inedito, mas de facto opponivel a outros julgados certos, não tem absolutamente valor algum.

Não o tem, pela qualidade de pessoa:— Frei Francisco de Oliveira viaja incognito na galeria da historia, é um Fuão qualquer, a quem pela primeira vez tira o chapeu na estrada o Sr. Visconde de Sanches de Baena.

Não o tem, pela morfologia historica, pela fórma por que se acha construido. Lembra um monte de pedras soltas e servidas que, por uma cauza qualquer, se acham postas num logar, sem o vestigio da obra a que cada uma pertenceu.

O periodo base não faz sentido algum,

nem logico, nem grammatical; basta que não tem verbo nem oração principal. Começa por uma cauzal de *como* ou *porque*, segue por uma incidencia successiva e termina por uma explicativa accessoria !

Ora bolas !

A declaração de que o Sotil morrera preso por ordem de D. João II, aparece numa integrante, que indica o objeto não se sabe de que; a analyse apenas a póde subordinar pela regencia ao verbo *não sei*. De sorte que o frade não sabe se o Sotil morreu preso por ordem de D. João II, e o Sr. Visconde, sobre esta base, afirma que Sotil morreu, o que é fundamente ilogico, mas mais — que tambem morreu Estevam da Gâma, o que é fundamente comico !

Não o tem, pela falta absoluta das condições concomitantes, que são exigidas em todo o documento historico. A data, o logar onde nasceu, a cauzal que o determinou, a relatividade pessoal do historiador com as coisas e pessoas a que se reporta; nada disto tem o documento.

Nullo, absolutamente nullo, é o que elle

era e o que fica sendo, depois da exhumação feita pelo Sr. Visconde. Deixemol-o no codice 1126, onde está como embrulho de coisas inuteis, e continuemos nas opiniões que se formaram á luz e na combinação de todos os documentos irrefragaveis

***

Mas não queremos assim. Chegava bem esta analyse para restabelecer a verdade historica; mas é que, já agora e por diversão, queremos mostrar por completo o timbre do Sr. Visconde de Sanches de Baena, como historiador.

Demos que o documento seja absolutamente probatorio e revista todas as condições da autenticidade, da autoridade historica.

Que tiramos delle para o caso desta primeira afirmação? — *Que D. João Sotil, bispo de Safim, morreu preso por ordem de D. João II.*

Quem diz que foi por causa da conspi-

ração de que foram vitimas o duque de Bragança e o cunhado? Em que parte do documento está isso? D. João II só mandou gente para a cadeia por cauza da conjura contra elle e o seu throno?

O Snr. Baena é que arranjou este delicioso syllogismo:—O Sotil morreu na prisão por ordem de D. João II; mas, na prisão, por ordem de D. João II, só morreram cumplices da conspiração contra o rei e o seu trono; logo Sotil morreu cumplice da conspiração contra o rei e o seu trono.

Mas não é só isto; o Sr. Visconde é d'uma fantasia historica que assombra; tem um espirito de generalisação que maravilha!

O documento, se lh'o acceitassemos, diz que o bispo morreu na prisão; nem diz porque, nem como. O Sr. visconde a pag. 34 do seu texto, diz:—«O Doc. n. 111, (este) diz-nos que entre os envenenados nas prisões e mandados devorar pelas feras, se contava o bispo de Safim D. João Sotil, etc.» Não tem questão: o frade diz que o bispo morreu na cadeia? logo, ou veneno ou garra de leão. *Poço fundo*; *agua clara*; *ergo lam-*

preia. Isto é que é logica e o mais castanhas!

Mas agora, Estevam da Gama. A logica ainda é mais pyramidal!

«Estevam da Gama pelos laços da gratidão e estima que desde a sua mocidade o traziam preso á casa de Vizeu, embora innocente n'aquelle atentado contra a vida do rei, não podia ser excluido do numero dos muitos que, achando se no mesmo caso, foram incriminados de cumplicidade na rebelião da nobreza».

Este periodo preparatorio é explendido! João das Regras, Cujacio, Paiva e Ponas, Cuvarruvias não os fariam melhores.

Se fossemos julgar a justiça de D. João II, no pleito em questão, por este criterio, o numero das vitimas não seria oitenta, cifra construtal do Sr. Visconde, mas muitos mil.

Só a casa de Vizeu, a maior casa peninsular nesse tempo, dava, pelos seus amigos, affins e aliados, este contingente de alguns milhares.

Segundo periodo:— «E' muito de suppor, que Estevam da Gama tivesse tido, pelo

menos, a mesma sorte do bispo seu amigo, o que nos parece estar indicado pela vingança que, mais tarde, seu filho Paulo exercera contra um dos juizes que entraram no julgamento de seu pai.»

Se o bispo de Safim morreu pélo veneno ou pelos bichos, que sorte teria Estevam da Gama, se não *fosse pelo menos* a do amigo, mas fosse pelo mais!?

E' muito de suppor (e aqui tem o leitor uma razão de cabo de esquadra!) que Estevam fosse vitimado, porque era amigo de uma suposta victima!

Amisade, a quanto obrigas!

Segunda razão:—a vingança que o filho Paulo exerceu contra um dos juizes que entraram no julgamento do pae!

Isto é uma outra *blague*, arranjada a cordel de estopa pelo Sr. Baena.

«Paulo da Gama, diz o Sr. Visconde, em seguida á morte de D. João II, e ao contar cerca de trinta annos de edade, pareceu-lhe que era tempo de pedir contas ao juiz, que, sem provas de culpabilidade, havia processado e condemnado seu pae».

«Dirigiu-se ocultamente a Setubal e, segundo dizem, *(termo de soalheiro)* procurou o doutor Nuno Gonçalves, que tinha sido principal e cruelissimo instrumento do rei, e dominado pelo rancor, sopeado em dez annos de pertinaz espera, vibrou-lhe algumas punhaladas.»

Neste aranzel da-se como facto consummado que Estevam da Gama foi julgado e que o foi pelo juiz Nuno Goçalves; isto, sem uma prova, nem um documento (porque o não ha mesmo) e em seguida, dá-se o filho como vingador do pai, apunhalando o juiz; da mesma forma uma afirmação gratuita; mera fantasia.

Gaspar Correia, o autor das Lendas da India, de que o Sr. Visconde faz tanto e tão máo uso, conta, falando dos preparativos para a viagem ao descobrimento da India, que Vasco da Gama, depois de D. Manuel ter escolhido o irmão Paulo para o acompanhar, dissera ao rei que o irmão não podia ir porque andava amorado, por causa d'um ferimento feito ao juiz de Setubal, que lhe tinham atribuido. Disto só, e contado por

Gaspar Correia, deste agreiro, faz o Sr. Visconde o cavaleiro, de que foi mesmo Paulo quem feriu, que foi ás punhaladas, que foi o doutor Nuno Gonçalves e que foi por este — principal e cruelissimo instrumento do rei — ter julgado e sentenciado o pai! Que enfiada de affirmações á Julio Verne!

Se o juiz de Setubal, dez annos depois do assassinato do duque de Vizeu, se chamava Nuno Gonçalves, sabe-o o Sr. Visconde tanto como eu; se Paulo o apunhalou, idem; se o pai foi julgado e sentenciado, idem; se o ferimento foi por causa desse julgamento, idem.

Agora o que o Sr. Visconde sabe que não é verdade, e, entretanto, afirma — é que Nuno Gonçalves fosse o principal e cruelissimo instrumento de D. João II. Isto é que é uma facecia que não se publica.

Esta figura, em toda a longa e variada tragedia, apenas aparece, depois do assassinato, a fazer o autos juntamente com Gil Fernandes, escrivão da Camara do rei. E' um serviçal que, no exercicio da sua profissão, pratica um acto natural e ordinario; nada mais.

E' como se o Sr. Visconde fosse Delegado de Policia d'uma qualquer circumscrição, e fôsse morto um homem dentro della; o Sr. Visconde Delegado aparecesse com o seu escrivão a lavrar o auto competente, de exame e corpo de delito, e viesse depois um maráo dizer que o Sr. Visconde, por esse facto, tinha sido o assassino, ou o principal instrumento delle. Que tal? gostava da logica?

Mas, concedendo tudo e tudo dando de barato, quando fosse certo que Paulo apunhalou o juiz de Setubal, o real julgador dos cumplices do duque de Vizeu, para que diabo precisou o Sr. Visconde de inventar como cauza o julgamento e a morte do pai de Paulo? Porque não arranjou outra coisa de menos máo gosto? Vingar o bispo Sotil, amigo de Paulo e da familia, que o fizera minorista a elle e ao mano; um namoro; uma polemica; uma liquidação de contas de jogo. Tudo servia; tinha o mesmo valor historico, e evitava que eu tivesse necessidade de estar aqui a incommodar o Sr. Baena, deitando-lhe em terra os seus castelos de papelão. Sim; porque a infamia sobre os Gamas é

que não póde correr. Estevam da Gama foi tão suspeito a D. João II, que este o fez vedor do infeliz filho. (1)

E' preciso estar fartamente preparado na contemplação do carater do grande rei, na analyse da sua grande obra e na synthese extraordinaria que se individualisava no seu filho e herdeiro, para bem comprehender o que pensava D. João II de Estevam da Gama, fazendo-o o mais proximo serviçal desse infeliz principe.

Sabe-se que entre os historiadores mais autorisados do tempo existe uma controversia sobre o escolhido por D. João II para a descoberta da India — se Estevam da Gama se o filho Vasco. Esta controversia, de pequeno valor historico, tem-no e grande na presente questão; augmenta o alto conceito do rei pelos seus dois serviçaes e afasta o juizo de que o pai ou o filho lhe fossem traidores.

---

(1) D. Antonio Caetano de Souza — Os grandes de Portugal.

***

Vasco da Gama e seu irmão Paulo foram minoristas, aprendizes de clerigo! Esta descoberta do Sr. Baena, se não fôra a protervia que esconde, fazia estoirar os *cóscs!*

Isto é engendrado com o fim de fazer de Vasco da Gama um ignorante das coisas do mar, quando foi á India, um protegido, uma nullidade, como o Sr. Baena se não cança de o afirmar e apregoar em varios logares do seu trabalho. E com uma autoridade e com uma severidade, que quasi lembram o Tonante com as mãos cheias das cyclopicas armas. As pags. 38. 39, 40 e 41 da sua Memoria, são dignas de leitura, para se ver o tom catedratico com que o Sr. Baena fala nestas coisas e as proporções minimas a que deixa reduzido o intemerato navegador. Quasi nos lembra o heróe de Cervantes, arremetendo em furia contra os moinhos de vento ou a carneirada.

Porque o Sr. Baena, para fazer a sua exhihição, cria primeiro uns inimigos a seu gosto.

Parece a criança que faz a bolha do sabão, para ter a gloria de a dissipar. Senão, diganos o Sr. Visconde quaes são ou foram esses escritores que romantisaram Vasco da Gama? que romances são esses que se atribuem á sua mocidade?

O primeiro romance da vida do grande homem tem por autor um Ponson du Terrail, conhecido pelo nome de Visconde de Sanches de Baena; romance que o faz minorista aos onze annos e aprendiz de clerigo até o despir da batina, para seguir á descoberta da India, para empunhar o timão de S. Gabriel!

O Sr. Baena dá Vasco da Gama nascido em 1469 e fal-o tomar menores, em 1480. Com 11 annos! Isto no tempo em que se não podia tomar presbytero com menos de 30 annos, segundo o Sr. Baena!

E o documento, unico, mas invulneravel, é a tal carta de frei Oliveira, que já transcrevemos e analysámos!

E assim se bota na onda a afirmação de todos os historiadores coevos de Vasco da

Gama, que o conheceram e o trataram e o viram servindo na casa d'el-rei, muito entendido nas coisas do mar, por D. João II escolhido para uma melindrosa empreza maritima em 1492, viajado em successivas idas á Guiné, como diz um dos que o Sr. Baena cita a miudo e trata cordialmente! (1)

«Que era muito natural que Estevam da Gama dirigisse os filhos para a vida ecclesiastica, atendendo á sua falta de meios; que os seus haveres eram exiguos; que, mesmo com os bens da ordem de Santiago, de que elle foi por ultimo despojado, a casa não garantia, a um só que fôsse, meios que o eximissem de ter de agenciar a vida pelo caminho mais á mão e mais seguido n'aquelle tempo» (2)

Era assim tão pobretão um homem que era filho do Senhor de Alcanam de Maljar (pag. 32); que tinha a alcaidaria mór de Sines e a commenda do Cercal; a tença

(1) Teixeira de Aragão—Vasco da Gama e a Vidigueira, pag. 22.
(2) Memoria pag. 38.

de sete mil reaes e mais a de tres mil reaes em 1471 e 1472; o serviço de dois judeus em 1484, e ás celebres saboarias de Extremoz, Sousel e Fronteira, como tudo o Sr. Visconde conta a pag. 33! E' tão flagrante a contradição do Sr. Baena, que elle mesmo confessa que Estevam da Gama pensava que tinha — *assegurado o descanso da sua velhice e o futuro de seus filhos* — na mesma pagina!

E aonde é que o Sr. Baena foi buscar esta ideia de que n'aquella época a vida eclesiastica era o meio de ganhar a vida mais á mão e mais seguido?

A época era de aventuras e de navegações; esse é que era o meio de fazer grande fortuna e alargar a fama em pouco tempo.

Ora agora, que diga alguem que tenha o juizo no meio da cabeça se acredita que D. Manuel, homem muito mais fraco que D. João II, com grande oposição no seu conselho sobre a empresa da descoberta da India, cheio, elle proprio, de duvidas e de receios, uma criança inexperiente, cercado por uma pleiade de homens celebres e grandes, feitos e educados

na mais magestosa escola do seculo, a de seu primo; diga alguem, se D. Manuel ia confiar o commando, a direção, a total responsabilidade desta empreza, a uma criança, a um aprendiz de clerigo, a um quasi menino de côro, ledor de breviarios e corista de antifonas! Esta credulidade, deixamol-a com o Sr. Baena.

Mas, seguindo sempre o nosso processo, demos como certo o documento de frei Oliveira, e irrefragavel que Vasco e Paulo da Gama tomaram a primeira tonsura em Sines, em 1480.

Quem autorisa o Sr. Baena a concluir que elles continuaram e seguiram a carreira eclesiastica, um até que foi chamado por D. Manuel e largou a batina para ir para o barco S. Gabriel e outro até que a vingança lhe armou de punhal o braço assassino do juiz de Setubal?

O Sr. Visconde não ignora que em Portugal e em todos os tempos, mesmo nos modernos, muita gente boa, que nunca pensou em seguir a vida eclesiastica, tomou menores.

Quantos jurisconsultos, medicos, engenheiros, conheço eu, só do meu tempo, que

assim fizeram! Este seu humilde servo foi minorista e nunca pensou em ser eclesiastico.

Podia demorar-me mais neste ponto e dar-lhe largas explicações sobre o caso, até dizer-lhe a cauza que me fez minorista; mas não ha espaço nem tempo para tanto.

Vamos á terceira affirmação, deixando o nosso grande navegador no pé em que estava, sem batina, nem sobrepeliz.

***

«Que D. João II, quando a morte se lhe avisinhava, suplicou ao papa o perdão dos seus pecados, confessando então que só á sua parte mandára matar oitenta».

Ao menos, valha a verdade, esta patranha, tão injusta quanto inverosimil, não foi inventada pelo Sr. Visconde de Sanches de Baena.

Só ha que censurar-lhe a ingenuidade com que se fez della reporter, ou a pertinaz cum-

plicidade n'uma pretendida mancha que quiz imprimir-se na alvissima tunica do grande rei

Forjou-se a peça no cartorio da Serenissima Casa de Bragança; D. Antonio Caetano de Souza estampou-a nas Provas da Historia Genealogica; e os escritores do nosso tempo, que, ou eram atacados de hemorrhoidas como o nosso immortal Camillo, ou d'uma leviandade infantil, como o nosso primoroso Chagas e o nosso inimitavel Oliveira Martins, deram-lhe entrada sem exame. O Sr. Baena, emparelhando com homens como aquelles tres, alcança uma relativa justificação.

D. João II nunca se arrependeu do que fez; a inquebrantavel firmeza das suas acções e pureza de proceder nos actos de sua justiça, negam a contraria afirmativa. A historia minuciosa de todos os factos da vida do grande rei, os episodios minimos, tão detalhadamente contados por seu escrivão Rezende, até o ultimo momento de vida em Alvor, não contam uma só coisa donde se infrinja o arrependimento.

Pediu a todos que lhe perdoassem. Sabe-se que elle era fervorosamente christão; cumpria

um dos sublimes mandamentos da sua religião. Pedir perdão e arrepender-se dos seus peccados, não é confessar um crime nem arrepender-se d'um acto de justiça.

Tanto o Principe Perfeito foi até a morte na firmeza de que tinha praticado um acto de inteira necessidade, indispensavel á integridade do trono, que no seu testamento, como se sabe, feito pouco antes de morrer, recommenda ao seu successor «que mantenha o seu acto, se não quer ficar sem trono.

«Item porque eu tenho visto e sabido quanto mal e dano se segue nos reinos e senhorios com a vinda d'alguns que commettem máos casos contra os reis e senhores das terras, encommendo e mando ao dito Duque, meu primo, que aquelles que nos similhantes casos erraram contra mim, nem seus filhos que fóra destes reinos estam não sejam recebidos nelles e assim encommendo a todos os grandes e pessoas do meu conselho e do dito Duque meu primo que sempre lhe lembrem muito que deve isto fazer». (1)

(1) Caetano de Souza — Provas da H. G. tomo 2.º pag. 174.

Que D. João II désse ao papa uma satisfação por lhe ter morto um bispo, o de Evora, é logico e natural. Sabe-se que a Curia não consentia que lhe matassem bispos sem dar cavaco e, segundo o Sr. Baena, não foi um foram dois, porque nos impinge mais o de Safim com a autoridade de frei Francisco de Oliveira. O papa ficou satisfeito e enviou uma indulgencia plenaria.

Alguem, que tinha interesse em innocentar as vitimas da justiça de D. João II, mandou forjar um papel por um tal Gomes Eannes de Freitas, que diz que o achou algures e mandou ao cartorio dos duques de Bragança.

O papel, que fica assim sem autenticidade alguma, é escrito em latim e tem o seguinte cabeçalho:— «Suplica, que el-rei D. João II, fez ao Papa afim de lhe perdoar a morte do Bispo de Evora, que mandara matar, quando se fez o mesmo ao duque de Vizeu e Bragança, e outras pessoas».

Caetano de Sousa traduz o manuscrito e põe-lhe logo este outro distico:— «Tradução da dita supplica, feita ao Papa, por el-rei D. João o II, sobre as mortes dos

duques de Bragança, e Vizeu, e Bispo de Evora e outros muitos fidalgos, e cavalleiros, tirada do latim em linguagem».

Já por aqui se vai descobrindo o plano com que se architetou este papel.

Mas, quem se dá ao trabalho de o ler, não póde ficar com a minima duvida de que elle é apocrifo e adrede arranjado. Tem o grave defeito logico de provar de mais.

Nesse papel, D. João II, o suplicante, confessa que foi injusto, que fez aquella matança por se vingar de seus inimigos, que comprou a ouro testemunhas e juizes; *confessa que sob color de titulo de justiça e per seu máo indusimento foram mortos oitenta homens, dos quaes foram dous os ditos Duques, e hum Bispo, e todos os mais foram cavalleiros e fidalgos, os quaes diz que mal, e endividamente fez morrer.* (1)

A historia séria, justa, rigorosa, não se ocupa com estas cabálas, a não ser para

(1) Caetano de Souza.—Provas de H. G. tomo 3º pag. 775.

lhes dar com o pé, quando as encontra no caminho.

O Sr. Visconde de Sanches de Baena deve fazer uma errata a 'este papelinho, pondo-lhe dois bispos, onde diz um, e mandal-a para a Torre para se embrulhar com a carta do frei Oliveira, no codice n. 1126.

E' curiosissimo como o Sr. Baena emparelhou com os nossos modernos historiadores, servindo-se de um documento falso para manchar a tunica do maior rei e homem do seculo XV, e innocentar o duque de Bragança, e não désse, nem elle, nem os collegas com o — «Breve Tratado, que escreveu o Padre Paulo sobre a morte do duque de Bragança, D. Fernando o segundo, etc.» e a — «Carta que o padre Paulo de Santa Maria, escreveu a outro Religioso, tratando da morte do duque D. Fernande II de nome etc.»; dois documentos que se acham logo em seguida áquelle, que tanto cuidado lhes deu. O Tratado é dirigido á duqueza de Bragança, viuva, contando-lhe tudo como se passou, desde que elle padre foi chamado pelo duque para a sua beira, como o seu confessor,

até o momento do suplicio: a Carta trata do mesmo assunto, com um pouco mais de liberdade, por ser dirigida a um extranho.

Ora estes documentos devem ser insuspeitos. Devem ser favoraveis ao duque, quanto a consciencia da verdade o permita, porque o duque não chamava para seu confessor, na hora extrema, um seu inimigo, nem este ia agravar o mal e a dòr de uma senhora, com a exposição de falsidades impostas a seu infeliz marido.

Pois nesses documentos se acha a confissão do duque de que tinha conspirado contra a vida do rei e a de que este tinha muita razão em usar da sua justiça contra elle e os seus cumplices. Sirva de exemplo esta frase do duque ao confessor: — «Certamente eu não ponho culpa a el-rei meu senhor de fazer o que faz, antes conheço que faz o que devia fazer: não pudera eu pensar que elle fosse sabedor de tantas cousas, que não somente as escritas, e faladas, mas as pensadas tudo elle sabe. (1)

(1) Logar citado, pag, 793.

***

Para sairmos deste capitulo III da Memoria, sahida que muito nos agrada, demos uma demão a esta frase: — *Ayres da Gama, que, segundo Gaspar Correia, tambem estudou para clerigo.* (1)

Este adverbio tambem, depois de citado Gaspar Correia, parece, á luz da boa logica e da grammatica geral, ser uma nova prova ou autoridade nova, com que se demonstra que Vasco e Paulo estudaram para clerigo.

E' porque tocamos no ponto.

Gaspar Correia (se é que é elle; eu confesso que não falo, nem me sirvo do autor das Lendas sem escrupulo, principalmente do tomo 1˚, cujo original nunca até hoje ninguem lobrigou) faz uma bella lenda, contando o caso da missão á descoberta da India e da escolha do Gama para a fazer.

D. Manuel andava aprehensivo, indeciso,

(1) Memoria, pag. 35.

receioso, sobre se faria ou não a expedição á India, que o primo lhe deixára pronta.

No conselho havia muitas opiniões contrarias; elle era criança, timido, fraco, apoucado. Recorreu à um astrologo, que andava na corte, que Correia chama o Çacoto. Fallou-lhe muito em segredo e pediu-lhe que estudasse, consultasse os signos e lhe dissesse se elle devia fazer a expedição, se seria feliz e quem devia escolher para a dirigir. O astrologo foi, pensou, magicou e voltou a D. Manuel: — que devia, que seria muito feliz, e daqui e dacolá, e que, quanto a quem havia de ir, que apenas aprendera nos astros que *seriam dois irmãos.*

D. Manuel recommendou-lhe segredo e ficou esperando que Deus lhe tocasse o coração, indicando-lhe quem eram esses irmãos. Os grandes indicavam-lhe este ou aquelle, por isto ou por aquillo, e D. Manuel, que esperava sempre o toque divino, respondia: já fiz a escolha.

Até que um dia, estando o rei na sala, em despacho com os seus oficiaes, adregou levantar os olhos e dar com elles em Vasco

da Gama, que atravessava a quadra; neste momento veiu o toque no coração do Venturoso. Largou tudo, chamou Vasco, despediu todos e disse-lhe:—tu é que vais á India; dizme cá, tens irmãos?

—Saiba V. Alteza que sim:—um moço, outro mais velho e outro que estuda para padre.

—Era isso; elle e o mais velho eram os dois irmãos profeticos do Çacoto!

Esta lenda, que tem infinita graça, embora não sirva de nada para um historiador, serviu ao Sr. Baena para afirmar que Ayres da Gama *tambem estudou para clerigo.* Ella, sendo base d'alguma afirmação, serviria apenas para provar que Ayres estudou e que Vasco e Paulo não estudaram!

Ora vá vendo o leitor, como se faz hoje historia na Academia Real das Sciencias de Lisboa!

*
* *

Eis a chave de oiro, com que o Sr. Sanches de Baena arremata o seu soneto (perdoa-me Anthero, Penha, João, Camões!) o seu capitulo III:

«Restabelecendo a verdade historica, não pretendemos de forma alguma esmorecer o fulgor que cerca o vulto prestigioso de Vasco da Gama. A historia modesta da sua mocidade não pode, não deve de forma alguma affectar a veneração geral, que todos nós devemos á sua memoria.»

Que tal!? Lembra o morcego que sopra e suga. Chama-lhe burro, ignorantão, menino do côro e depois roja-se-lhe aos pés com a sua veneração! Só se o nosso academico, quando escreveu, já tinha a consciencia de que as suas mordeduras eram inofensivas; se m'o tivesse perguntado, dizia-lhe que sim.

Pois realmente o Sr. Sanches de Baena terá sincera convicção de que veiu restabe-

lecer a verdade historica, trazendo-nos a noticia d'um Vasco da Gama minorista aos onze annos, e absolutamente analfabeto nas coisas do mar quando foi escolhido para a travessia do golfão indiano!?

Com Gaspar Correia, o Sr. Baena ignora que D. João II era um mestre, mas um mestre fartamente ilustrado, como ninguem mais, na nautica e na estrategica do tempo. Na sua côrte e na sua intimidade estudava-se, mas seriamente, a arte do mar. Ahi estavam os mestres, os primeiros desse tempo; ahi astava o celebre Martim Behaim, discipulo de Regiomontano. E D. João com elles e na assiduidade dos homens em quem descobria melhores aptidões, ia formando e preparando essa falange de extraordinarios capitães, navegadores, cabos de guerra e conquistadores que assombraram o reinado do venturoso primo.

Dessa escóla saiu Bartholomeu Dias, Diogo Cão, Diogo d'Azambuja, Vasco da Gama, Pedro Alvares Cabral, D. Francisco d'Almeida, Tristão da Cunha, Duarte Pacheco, Affonso de Albuquerque, Fernão de

Magalhães, e outros e tantos, que encheram de espanto o mundo, de gloria a sua ditosa e amada patria e chegaram para ennobrecer extranhas terras.

Os pilotos e os capitães tinham a mesma escóla. Entre uns e outros havia apenas esta diferença — o capitão era sempre piloto, o piloto não podia, em regra, ser capitão. A diferença de Vasco da Gama para Pero de Alemquer ensina-a Gaspar Correia n'aquelle solemne momento em que o grande descobridor da India, com a revolta dos pilotos e mestres, soldados e maruja, que cobardemente tentam prender os capitães e voltar ao reino, considerando impossivel seguir avante no tomado proposito, consegue prender os pilotos e os mestres, atira ao mar com tudo que servia a estes para o governo das náos e toma sobre seus hombros todos os cuidados e responsabilidades da empreza, até na mais infima das obrigações materiaes.

E seguiu e foi e voltou, trazendo diante del-rei os presos, com a material demonstração da sua dispensabilidade.

Foi d'aquella escola, seguramente a mais

celebre do seculo XV na sua especialidade, que saiu a aplicação da artilheria grossa aos pequenos navios, dando aquelles celebres tiros ao lume d'agua, que constituiram em todas as batalhas navaes a grande vantagem dos pequenos barcos portuguezes contra as alterosas náos dos mouros.

E esta aplicação e este notavel invento, foi obra pessoal de D. João II — o grande rei, o grande homem, o grande portuguez, o grande sabio.

A navegação pela altura do sol e pelas cartas geographicas, a aplicação do astrolabio á determinação d'aquella coordenada, são outra grande descoberta desta escóla. Vasco da Gama era filho profissional della. Quando foi á descoberta, levava comsigo muitos astrolabios e alguns expressamente feitos para elle; um de que lhe fez presente mestre Martim Behaim tinha um distico de tres palmos de diametro.

E ainda ha quem pense e quem diga que Vasco da Gama não sabia dirigir o seu navio! Quando na Aguada de Santa Helena, o grande capitão salta em terra,

Porêm eu co'os pilotos, na arenosa
Praia, por vermos em que parte estou,
Me detenho em tomar do sol a altura,
E compassar a universal pintura,

é para estar do lado a olhar para Pero de Alemquer e os outros mestres, quando elles tomavam a altura do sol!?

Aquella intima e viva e interessante e prolongada conversa do grande capitão com Malemo-kan, de Melinde até a India, sobre processos de navegação, estam mesmo indicando um boçal aprendiz de clerigo, como nol-o pinta o Sr. Baena!

Duarte Pacheco, no celebre e tão precioso — Esmeraldo *de situ orbis*, cuja publicidade devemos ao incansavel conselheiro Cunha Rivara, o sublime heroe do Cambalão conta minuciosamente todos os preparativos da primeira expedição.

Nada se fez ao acaso, ás cegas; tudo perfeito, regular, previdente. O numero dos navios, o seu tamanho, calado, armação, sobresalentes, munições, mantimentos, tudo obedeceu a regras praticas, scientificas, sabiamente deduzidas.

Chegando á escolha do pessoal, diz Pacheco:— «E diremos ainda que os que foram empregados nesta viagem eram os principaes marinheiros, os mais sabios pilotos na arte de marinha que havia no paiz.»

E quer então o Sr. Baena que dois reis e os seus conselhos e os sabios academicos da nautica, fossem tão meticulosos em tudo, nas coisas mais miudas e insignificantes e apenas errassem e apenas descessem abaixo do ultimo Manél de Soiza, na escolha do chefe, do capitão mór, do unico responsavel por tanta valia material, por tanta honra, por tanta gloria, por tanto brio d'uma nação, d'um trono e d'uma raça, doirada pelo mais bello passado!? Nicoláo Coelho e Pero de Alemquer tendo á sua frente um reles aprendiz de clerigo!

Remato a analyse do seu 3° capitulo, Sr. Visconde, com aquella giria cá do Brazil, que V. Ex. conhece muito bem:

— O Sr. Baena de lá:— Vem cá, Bittu; vem cá.

— Eu deste lado:— Não vou lá; não vou lá.

III

Passo por alto o cap. IV. Está pejado de senões, mas o meu fim não é ensinar o autor da Memoria; é apenas defender Vasco da Gama. Entremos no cap. V e aqui daremos fundo e termo a este pequeno trabalho. O pasto é amplo e viçoso; dá para todos os paladares.

Trata-se de mostrar que Vasco da Gama, ficando e «sentindo-se offendido no seu amor proprio por não se poder conformar com que um fidalgo inexperiente e creado na côrte, fosse capaz de fazer emmurchecher os seus virentes louros» (1) tratou, pelos meios mais indignos de esmagar este seu rival; essa sombra é Pedro Alvares Cabral.

(1) Memoria, pag. 43.

E então, conta-se a seguinte historia que, pela vez primeira, vê a luz. Cabral volta da India, com a descoberta do Brazil e a noticia do odio de Calicut. D. Manuel trata logo de preparar uma grossa armada que vá reduzir o altivo rajá do Malabar e destina-lhe por capitão-mór o mesmo Cabral. Quando tudo estava pronto e em vespera de seguir, Vasco da Gama apresenta-se ao rei e diz-lhe que quer ir commandar a expedição.

O rei fica muito encommodado e responde-lhe que não é possivel, porque já deu palavra a Cabral; que vá elle na do anno seguinte. Vasco da Gama tira da manga uma carta del-rei em que lhe dava o commando de todas as armadas que fossem para a India e que elle quizesse levar, e insiste pelo cumprimento desta regalia. D. Manuel, coacto, illaqueado na sua bôa fé, (*sic*) fica muito aborrecido com o seu protegido, muito contrariado, mas é obrigado a ceder.

Manda chamar Pedro Alvares; consola-o, pede-lhe desculpa e promete que lhe dará o commando de todas as armadas que Vasco

da Gama largar. Cabral, homem de mansa condição *(sic)*, cedeu delicadamente e retirou-se vexado e ofendido no seu brio e pundonor, emquanto o intruso e insidioso, pouco grato almirante das Indias, seguia para lá na sua segunda expedição.

Vamos agora a analysar o processo de demonstração do Sr. Baena.

Damião de Góes afirma que D. Manuel tinha escolhido Cabral. O Sr. Visconde serve-se desta autoridade, para este facto incontestado, e rasga-lhe a sua seda, dizendo (1) — «e não póde haver duvida sobre a veracidade d'aquella determinação, visto que ninguem melhor do que o proprio chronista podia ter disso conhecimento; elle que desde a edade de onze annos, com pequenos intervallos, viveu na côrte de D. Manuel, até a morte deste monarcha.»

Damião de Góes canta na afinação do Sr. Baena; o Sr. Baena faz-lhe elogios e considera-o autoridade indiscutivel.

Logo em seguida, mas logo, logo, temos

(1) Memoria, pag. 46.

o reverso da medalha:— «A verdadeira cauza que deu logar á substituição de Pedro Alvares por Vasco da Gama, feita á ultima hora, não nol-a quiz dizer o Góes. Os chronistas foram todos assim: uns apologistas servis das bôas manhas dos nossos reis!»

O homem desafinou do diapasão do Sr. Baena; paulada no homem!

Ora, antes de passar avante, faremos uma logica ponderação. Se D. Manuel ficou assim tão encommodado e aborrecido com Vasco da Gama, que o illaqueou na sua bôa fé, o obrigou a fazer um papel feio e a ter de pedir desculpa a Cabral; se nunca mais o viu com bons olhos, antes o demittiu e perseguiu; que escrupulos podia ter o bajulador Damião de Góes em contar a coisa como a coisa foi!? Se essa fiel narração seria a cabal justificação de seu amo nos actos que veiu a praticar contra D. Vasco!?

E, accrescentaremos: se D. Manuel ficou assim tão maguado com um e tão reconhecido a outro, dos seus dois famosos capitães, como, segundo o Sr. Baena se vê forçado a confessar, expulsou da côrte, desterrou para

Santarem, Pedro Alvares e sua familia, nunca mais o chamando, nem delle em nada se servindo? Porque ficou sentido, diz o Sr. Baena, do modo como Cabral, *fidalgo de muitos brios e primores de honra* (pag. 50), se desafrontou da insidia do Gama. Logo, de duas uma, ou o rei não ficou assim tão sentido de um, e agradado do outro, ou Cabral não era de tão *mansa condição*, como o Sr. Baena o descreve.

E agora, um parenthesis. O juizo que o nosso academico faz dos nossos chronistas não assenta muito bem em Damião de Góes, que foi tomado para modelo e para vitima do apodo.

Se não tivesse receio de ofender a ilustração honrada do Sr. Baena, dizia-lhe que, falando assim, parece que conhece o chronista de D. Manuel por intermedio de algum tocador de rabeca de café cantante.

Camillo, que, no caso, prima pela insuspeição, conta a este respeito um episodio carateristico (1).

«Damião de Goes fez ao Conde da Castanheira, valido de D. João III, uma satyra onde dizia:

Mestre João sacerdote
De Barcellos natural
Houve d'uma moura tal
Um filho de bôa sorte.
Pedro Esteves se chamou;
Honradamente vivia;
Por amores se casou
C'uma formosa judia.

Deste (pois nada se esconde)
Nasceu Maria Pinheira,
Mãe da mãe d'aquelle conde
Que é Conde da Castanheira.

Pois o Conde da Castanheira esperou, uma noite, Damião de Goes, na rua Nova e deu-lhe rija bordoada. Não contente do insulto

(1) Narcoticos — 1º vol. pags. 70, 71 e 72.

em segredo, D. Antonio procurou aviltal-o em publico. Encontraram-se um dia na casa da India. Damião de Goes era feitor de Flandres e o conde era vedor da Fazenda. A' conta de negocios tiveram um começo de altercação que o Conde rematou de pressa, pregando-lhe com as luvas na cara.

Depois, diz Caetano de Souza, o segundo Conde da Castanheira, desforrando-se dos velhos e renovados ultrajes a Maria Pinheira, mandou creados seus moerem com saccos de areia o ancião no pateo da sua mesma casa, e de modo se houveram, que Damião de Goes apenas teve forças que o arrastassem á cama, onde se desprendeu da vida.»

O homem era tão louvaminheiro, que morreu moido com saccos de areia pela lingua pontuda que Deus lhe deu!

Na Chronica de D. Manuel, editada por Reiverio Bocache, a que possuo, encontra-se, a pags. 137 e 138, uma maior prova da apologia de Damião de Goes ao rei, seu amo, nos seguintes termos, referindo-se ao fim do grande e incomparavel Duarte Pacheco:

«Mas o fim destas honras, em galardão de

tantos serviços e doutros que Duarte Pacheco depois fez a el-rei, como se ao diante dirá, foi de calidade que se pode delle tomar exemplo para os homens se guardarem dos revezes dos Reis e Principes, e da pouca lembrança que muitas vezes têm d'aquelles a que são em obrigação, porque a mór mercê que Duarte Pacheco alcançou pelo premio dos taes serviços, foi a capitania da cidade de S. Jorge de Mina, donde por capitulos que delle deram o mandou el-rei trazer ao reino em ferros, e sem lh'os tirarem dos pés, esteve muito tempo preso na cadeia, até que por se saber serem parte das culpas que lhe punham falsas e as outras tão leves, que em um tal homem não podiam ter nome de culpas, o soltaram, tão pobre, como o era quando foi para Mina. E assim viveu todo o mais discurso de sua vida, com muito desgosto, e em tanta pobresa, que seu filho, unico, legitimo, João Fernandes Pacheco, e sua mãe, que ao presente vivem, por lhe elle não deixar fazenda para se poderem manter como devem, passam tão estreita vida, que são constrangidos a viver, elle não como os seus proprios serviços

(alem dos de seu pae) merecem, e ella do pouco que lhe elle pode dar e esmolas que lhe fazem pessoas honradas. Este foi o galardão que Duarte Pacheco houve em satisfação de tão grandes e memoraveis serviços como foram os que fez á Coroa destes reinos.»

Destas provas de servilismo encontra o Sr. Baena muitas em Damião de Goes, algumas em João de Barros e em todos os nossos chronistas que historiam o periodo dos tres ou quatro reinados—do Venturoso, do Inquisidor, do Maluco e do Estupido, que nos levaram do apogeu da gloria ao abysmo do cativeiro. Nem o mystico e delicado Frei Luiz de Souza fica de fóra, cuja opinião o grande Herculano tão grandemente definiu no prefacio dos Annaes de D. João III.

«Apraz-nos crer que debaixo da estamenha monastica de Frei Luiz de Souza, o frada dominico, batia o coração de Manuel de Souza Coutinho, o cavalleiro poeta e que nos reinados de D. Manuel e D. João III, vasto cemiterio de podridão e lantejoulas, a que uma historia sem philosophia e sem verdade chama epoca gloriosa, elle apenas via surgir,

como um monumento santo de tradições antigas, os muros enegrecidos de Alcacer, Tanger ou Arzilla, pouco a pouco desmoronados, para que não fossem uma reprehensão continua e implacavel de todo o genero de corrupção e de decadencia».

*
* *

Resolve o Snr. Baena largar de mão todos os chronistas, historiadores coevos, testemunhas presenciaes, autoridades indiscutiveis; tudo para a fogueira atraz de Damião de Goes.

«Hoje ninguem acredita na inverosimil evasiva apresentada por Goes de não ter Cabral aceitado aquella missão por ir na armada Vicente Sodré, entre o qual e o descobridor do Brazil, o chronista nos quiz induzir á suspeita de que houvesse quaesquer incompatibilidades». (1)

(1) Memoria, pag. 46.

De que o Sr. Baena retirou o credito a Goes, conclue, como se fora o Rotschild do credito historico, que ninguem hoje lh'o dá.

E' assim o Sr. Sanches de Baena, quando não é outra coisa peior, que tem um nome muito feio e egual em todas as classes, mesmo na litteraria. Ninguem acredita! até por mim fez favor de falar, sem procuração, como lhe estou provando.

A opinião de Goes está *falsificada*. Goes não fala em incompatibilidades; diz que, tendo el-rei destinado que Sodré fosse com a capitania de cinco náos de corso para a boca do golfo arabico e tirado esta frota da immediata sujeição do capitão-mór, Cabral se escandalisára com el-rei e dera a sua demissão. Esta é com pequenissimas diferenças, a explicação geral que se acha em todos os historiadores de valia.

Mas corrente. O Sr. Baena deixou-os; fez a sua criação d'um conflito vergonhoso, provocado pelo Gama, como já fica dito, e, como era preciso citar alguem que servisse de testa de ferro a esta ignobil mofina, visto que o autor não vivia n'aquelle tempo, re-

corre a quem? a Gaspar Correia e ás suas *Lendas da India!* Deixou o serio e foi para o circo de cavalinhos! Pois vamos lá, que eu tambem gosto da comedia.

*
* *

Eu podia logo, *in limine*, dispensar-me de maior exame, dizendo ao Sr. Baena que, quem quer fazer obra sã, escorreita, nas coisas da India, não se regula por Gaspar Correia, nem pelas suas *Lendas*, que sempre são lendas, e estas das mais lendarias, como o autor já teve a amostra na que lhe deixamos ahi sobre o modo pelo qual D. Manuel fez a escolha de Vasco da Gama.

Podia dizer-lhe que o primeiro tomo, principalmente, onde Correia trata do assunto em questão e de outros de que elle não podia ser testemunha, porque não tinha edade para isso, não tem, nem sequer a fé da autenticidade.

Publicou-se em 58, de cima de tres cópias que não conferem entre si, e que ninguem sabe se conferem com o original, que ainda se não achou. Sabè Deus mesmo se elle existiu.

Podia dizer-lhe, sem ter a pretensão nem a vaidosa aspiração de Icaro (pag. 47 que não dou fé a Gaspar Correia e que estou nisso de accòrdo, não digo com todos, á moda do Sr. Visconde, mas com um bom punhado de bons escritores, entre os quaes lhe cito o mesmo Rodrigo Felner e a *Noticia preliminar.*

Podia dizer-lhe que a retirada do meu credito a Gaspar Correia tem um fundamento logico e que não preciso de pedir emprestado a ninguem:

a) o homem é um poeta, um fantasista, agarrado ao maravilhoso, ao sobrenatural, ao milagre, a todas as coisas, que não são processos historicos;

b) commette erros chronologicos aos centos; é rara a data sua que seja certa;

c) ignora completamente a época em que se passaram estes acontecimentos; o estado

da sciencia nautica, dos processos de marear e dos instrumentos que eram usados.

Isto e muito mais.

Mas não quero. Aceito o julgamento de Gaspar Correia, das cauzas que motivaram a ida de Vasco da Gama em logar de Pedro Alvares Cabral, em 1502. Ponho de parte o que sei, o que aprendi e tenho como certo, e vou, de braço dado com o Sr. Sanches de Baena, para o teatro onde se exhibe Gaspar Correia com as suas lendas, por nós dois dadas por fieis, autenticas, indiscutiveis, como se nós dois fossemos mahometanos e ellas o nosso Al-Koran. Ponho apenas uma condiç o: — que venha comnosco o publico e um *escrivão da puridade* para portar por fé o que se vai passar.

Entremos, pois.

***

Transcreve o Sr. Baena o facto, como o conta Gaspar Correia, a pag. 47 e seguintes

da sua Memoria, começando n'um certo ponto:

« El-rey nosso senhor Dom Manuel, era muy lembrado, com grande magua que tinha no coração, da traição que fizera el-rey de Calecut á Pedraluares Cabral, que quando da India chegou lhe contou logo, lhe deu palaura de tornar a mandar com armada muyto mayor, bem concertada para guerrear Calecut, e tomar delle vingança, pois tinha mais razão. Com a qual lembrança, como foy tempo, mandou aperceber náos grossas para a carga, e forão dez em que se metteo muyta e fermosa artelharia com muytas monições, e armaria, tudo em muyta abastança e provimento de todo o mais que compria pera sua viagem e tornarem pera o Reyno; com boa gente de armas, e capitães e homens fidalgos, e Pedraluares Cabral, capitão-mór: todo isto feito e ordenado per Dom Vasco da Gama, a que El-Rey encarregou que todo fizesse, que nas coisas da India El-Rey mandava que elle todo fizesse. E sendo a armada de todo prestes para se partir para Belem, estando El-Rey um dia praticando

nas cousas da armada, e do muyto bem concertada e provida de todo como hia, disse El-Rey: *Tudo está muyto á minha vontade, mas rogo a Nosso Senhor que Pedraluares nesta armada seja tambem escansado como Dom Vasco foy na sua»*.

Aqui o Sr. Baena pára de subito na transcrição de Gaspar Correia. Sente-se que lhe mordeu uma vespa, um abelhão, um maribondo, ou que sentiu uma cólica forte e uma necessidade urgente.

Realmente as coisas não lhe iam correndo a seu gosto. Isto do rei confiar a Vasco da Gama o preparo da armada e de tudo que era para a India, e de fazer um tão publico e razo elogio ao seu commissario, era uma tolice do Gaspar, que era preciso mastigar com vagar e geito. Por pouco mais que ia saindo da boca do rei uma comparação dos dois capitães desfavoravel ao biographado do Sr. Baena. Fóra d'aqui para fóra; façamos suspensão no Gaspar e vamos enxertar a nossa lenda na lenda d'elle. A nossa é mais fina, mais historica, mais justa.

Volta e segue, agora da sua lavra:—«Es-

tavam as coisas n'este pé (d'alferes, não é, Sr. Visconde?) quando se apresenta Vasco da Gama a disputar a capitania-mór da armada sob a premeditada intenção de dar um cheque ao descobridor do Brazil; e isto, para ser mais estrondosa a afronta, fel-o á ultima hora». Segue depois por Gaspar Correia:— «Senhor, Diz Vasco da Gama a El-Rey: a mym muyto me diz a vontade que vá nesta armada fazer esta viagem; polo que peço a Vossa Magestade que assi o haja per seu serviço. E esta mercé que lhe agora peço ja ma tem feito per esta carta. A qual tirou da manga e apresentou em que lhe El-Rey outorgava, e dava a capitania mor de todalas armadas que sayssem de Portugal pera a India, em que elle se quizesse embarcar, e sem embargo de nenhum embargo a podia tomar, inda que ja estivesse em Belem para sayr pola barra, pera o que somente teria tres dias d'espaço para se embarcar; obrigando-se El-Rey a dar saptisfação a qualquer capitão mór, a que assi tivesse dado a tal armada, e isto com grandes forças e firmesas, sem El-Rey por nenhum caso o poder quebrar.»

Paremos agora nós aqui, que tambem nos chegou uma necessidade urgente; passar os olhos pelo Gaspar Correia, a ver se a transcripção vai sendo fiel.

Ora oiça o leitor e escreva, sr. escrivão da puridade:—O Visconde de Sanches de Baena deturpou a opinião de Gaspar Correia, truncando, mutilando, supprimindo no que Gaspar Correia escreveu, de fórma a *manipular*, guardando as suas reminiscencias de profissão, uma droga inteiramente falsa.

O dito que Gaspar Correia empresta a D. Manuel é este —« Tudo està muito á minha vontade, mas rogo a Nosso Senhor que Pedraluares nesta armada seja tambem escansado como Dom Vasco foy na sua; porque, posto que Pedraluares é tão bom homem como eu sei, não é bem afortunado nas coisas do mar. »

E, segue Gaspar Correia, não querendo seguir o Sr. Visconde — « E já em outras praticas El-Rey tinha isto falado e a Rainha dissera a Dom Vasco que ninguem devera de andar no mar senão elle, porque Deus n'elle lhe fizera tanta mercè.»

«Dom Vasco, sentindo que El-Rey folgaria que elle fizesse esta viagem, acceso no amor de seu serviço e doendo-se muito do mal que fizera Calecut e doendo-se das coisas da India, como se fora sua propria, por elle ser o descobridor della, com tantos trabalhos e riscos de vida, e conhecendo que El-Rey tinha desgosto e desconfiança da duvidosa fortuna de Pedraluares Cabral, assentou em seu coração por conselho que comsigo tomou dizer a El-Rey: Senhor, a mym muyto me diz a vontade, etc.»

Que me dirão a isto os muitos admiradores e por ventura comparticipes da gloria do Sr. Sanches de Baena nesta vilissima acusação a Vasco da Gama que se pretendeu encapar com a autoridade de Gaspar Correia!?

Segue o Sr. Visconde, falsificando as Lendas da India—« A qual carta vista por El-Rey, com o que lhe Dom Vasco pedia..... El-Rey dissimulou, dizendo: *Dom Vasco, muyto vos agradeço a vontade que tendes de meu serviço, e haverey prazer que fiqueis pera o ano, e que agora va Pedraluares, como está ordenado*, etc.»

Aqui o Sr. Baena põe uma nota, dizendo: «Notamos esta passagem: « A qual carta vista por El-Rey. «Como é que se comprehende que D. Manuel, tendo concedido uma graça de tão alta magnitude, que lhe annulava até o seu poder absoluto, não se lembrava de a ter feito?... »

O Sr. Visconde é terrivel; o seu rancor pelo Gama é tão hydrofobo, que chega a insinuar-lhe a fabricação d'um documento falso!

Ora falsa é aquella transcrição de Gaspar Correia que, como se acha nas Lendas, é a seguinte — «A qual carta vista por El-Rey com o que lhe Dom Vasco pedia, logo mostrou muito prazer, dizendo Dom Vasco, «*Senhor, o Rey de Calecut me prendeu e fez de mim escarneo e porque eu la não tornei a me vingar desta injuria, tornou a fazer outra muito peior, pelo que no coração tenho grande vontade e desejo de o ir destruir, e espero em Nosso Senhor que me ajudará, como delle tome tal vingança, que Vossa Alteza haja muito praser. Pelo que peço que me faça a mercê que peço e a Pedraluares*

Cabral satisfaça com muitas mercês que lhe muito merece, e, se lhe aprouver, ir na armada dest'outro anno».

«El-Rey dissimulou o muito praser do seu coração, dizendo a Dom Vasco:—*Muito vos agradeço.* etc.»

***

E fiquemos aqui. A' vista de tanta má fé, de tanta deturpação, nem o leitor, nem eu, nem gente que se prese, temos obrigação de proseguir.

Propor uma ideia nova, contraria á ideia geral, ate ahi admitida; emprestar-lhe todas as possiveis côres da verosimilhança, com astucias, com argumentos proprios, architetados com mais ou menos talento, e deixal-a desguarnecida de toda a autenticidade, á mingua de provas, de documentos; fazer

isto, não é de bom escritor, quem o faz não grangeia esporas de prata na milicia das letras. Mas tolera-se; analysa-se; refuta-se.

Fizemol-o á Memoria n'outros pontos, mais ou menos parecidos com o caso. Refutámos a clerezia de Vasco da Gama, a afirmação da sua ignorancia; corrigimos com provas e documentos o endeosamento de D. Garcia de Noronha.

Esta indecente verrina contra o caracter de Vasco da Gama, escudada na opinião d'um autor que pensa justamente de modo contrario, mas ao qual se vão buscar umas parcelas disconnexas, truncadas, para enganar os que lessem a Memoria e não lessem Gaspar Correia; oh! isso, não é trabalho que occupe gente limpa. Quando peças deste jaez caem debaixo de pennas honradas, ellas limitam-se a pol-as no pelourinho e o publico que as veja e as julgue como merecem.

A literatura tambem tem codigo penal, e a Memoria está sujeita a elle. Se D. Manuel pelo decurso do seu reinado e passante a segunda viagem do almirante foi com elle justo, grato, severo, é assunto que não cabe neste trabalho. O que podemos afirmar é que a parte da Memoria que se refere a esses factos, regula, em verdade e logica, pelo que deixamos analysado.

Eu não mirava o fim de acusar ou defender o rei venturoso; mas tão somente o de tirar as nodoas que o Sr. Sanches de Baena poz em Vasco da Gama; duas principalmente — a sua incompetencia e a sua penuria de carater.

«Que o rei, logo apoz a segunda viagem, o expulsou do serviço e o expulsou de Sines, com ignominia, nem lhe deixando acabar uma casa que trasia lá em obras.»

Não foi assim. Na volta da segunda viagem o rei acumulou-lhe as honras e as mercês.

O senhorio de Sines fora concedido a Vasco da Gama por carta regia de 22 de fevereiro de 1501; diz, porêm, essa carta que, emquanto não entrasse na sua posse, seria compensado por um padrão de mil cruzados de oiro, de tença, impostos na casa da Mina. (1)

Em 1502, antes de seguir para a segunda viagem, D. Manuel, *coacto, illaqueado na sua boa fé*, furioso com D. Vasco da Gama, dá-lhe em 10 de janeiro, 300.000 reaes de renda annual, de juro e herdade. Nessa mesma carta é elevado ao alto posto de almirante do mar da India, com todas as honras, preeminencias, liberdades, poder, jurisdição, rendas, forós e direitos que com o mesmo almirantado devia haver e como os tinha o almirante do reino.

Da-lhe o privilegio de levar e traser nas náos que navegassem para a India, uma só vez, em cada anno, 200 crusados em mercadoria, não pagando senão a vintena á ordem de Christo.

(1) Arch. Nacional, L. 1º dos mys., fs. 270 e 271.

Nessa mesma carta, lhe é concedido officialmente o tratamento de Dom, para elle e seus irmãos vivos Ayres e Thereza e todos os descendentes (1)

Embora não tenhamos a peito o elogio de D. Manuel, deve confessar-se que era um rei extraordinariamente bondoso! Zangado, furioso, ludibriado por um homem e cobril-o de tantas honras e de tamanhos proveitos!... Concertados estes documentos com a opinião do Sr. Baena, D. Manuel não era só bondoso; era um refinado maluco, que expulsava para sempre da sua côrte para Santarem, a vitima da sua fraqueza real, o heroico descobridor do Brazil, e despejava graças aos punhados sobre o algoz de Pedro Alvares e da magestade real!

Dizem todos os historiadores, antigos e modernos, exceção feita apenas do Sr. Sanches de Baena, que D. Manuel recebeu Vasco da Gama, de volta da sua segunda viagem, com festas e honrarias excecionaes.

---

(1) Arch. Nacional, L. 4º da Chanc. de D. Manuel, fs. 23; L. 1º dos mys., fs. 204.

O mesmo Gaspar Correia, a pag. 338 do 1º tomo das *Lendas*, relata as festas por estes termos:— «o que sendo dito á el-rei houve mui grande praser e logo mandou visitar o capitão-mór por D. Nuno Manuel, seu capitão de guarda, e elle cavalgou com muita gente e se foi á Sé, ante o altar de S. Vicente, dar muitos louvores a Nosso Senhor. E D. Vasco, chegando D. Nuno com a visitação d'el-rei, logo com elle desembarcou com todos os capitães que, saindo na praia, acharam muitos parentes e amigos e cavallos em que todos cavalgaram e se foram caminho da Sé onde el-rei mandou que fossem dar louvores a Nosso Senhor, acompanhado do Bispo da Guarda e Conde de Penella, que el-rei mandou que o fossem receber; e chegou onde el-rei estava e, feita a sua oração, foram beijar a mão a el-rei que a todos fez muitas honras e com muitos praseres cavalgou, e com o capitão-mór foi falando para os paços de cima do Castello em que então pousava; e entraram com a rainha a que todos beijaram a mão e ao principe, fazendo-lhe a rainha muitas honras, etc.»... «e a D. Vasco

grandes mercês e todas suas coisas livres e liberdades e lhe deu as ancoragens da India e almirante do mar della e as ancoragens por seus morgados e o fez um dos principaes homens do seu reino e sempre multiplicou em muitas móres honras, como adiante por estas Lendas se verá.»

O Sr. Dr. Teixeira de Aragão, no seu belo livro «Vasco da Gama e a Vidigueira», a pags. 365, outro autor predileto do Sr. Baena, diz que Vasco da Gama fora recebido por el-rei em grande cortejo; que nesse dia ordenou o monarca explendidas festas, com corridas de cannas e de touros, etc.

Pinheiro Chagas, outro de quem o Sr. Baena não desgosta, diz: — (1) No dia 1 de setembro de 1503 aportou Vasco da Gama a Lisboa, sendo recebido com muita solemnidade por el-rei, etc.

Ora, realmente, D. Manuel ainda não estava na afinação, em que o põe o Sr. Baena, contra Vasco da Gama, na volta deste da sua segunda viagem.

---

(1) Historia popular — Vol. 4º, pag. 425.

Por carta regia de 20 de fevereiro do anno seguinte, 1504, augmenta-lhe D. Manuel as suas mercês, dando-lhe mais um padrão de 400.000 reaes, em cada anno, de juro, para todo o sempre, para elle e seus descendentes em linha direita masculina, que lhe haviam de ser pagos aos quarteis, pela sisa do sal de Lisboa, e começando a vencer desde o 1° de janeiro. (1)

D. Manuel não só lhe deu e fez estas e outras mercês, que já mencionámos, mas as conservou por toda a sua vida e seu filho as continuou e satisfez.

Não concordam estes factos com a raiva do rei pelo arrogante valido; nem ainda vimos a vingança de D. Manuel, tão apregoada pelo Sr. Baena.

(1) Arch. Nacional — L. 19 de D. Manuel, fs. 18, 24 fs. 120, 38, fs. 90; L. de D. João III 50 fs. 171, 51 fs. 127 v. a 128; L. 2° dos myst. fs. 279,

***

Ah! sim! a expulsão de Sines. Agora, Sr. Baena, agora sim, que estoirou afinal esse tremendo trovão de vingança cruel!

Ahi vem o agreiro feito cavaleiro; ahi está o farto espirito imaginativo e generalisador do Sr. Baena, compondo e architetando romances de cavaleria!

Como dissemos, não temos em mira defender D. Manuel, que não é santo do nosso oratorio. Mas a justiça e a critica impoem-nos uma demão nesta historieta da expulsão de Sines.

Na familia Gama andava de longe a alcaidaria de Sines; o senhorio conferiu-o D. Manuel a Vasco da Gama, na sua volta do descobrimento da India, como fica dito.

Este senhorio, porêm, andava no tombo da ordem de Santiago; o rei não podia dar o que não era seu. Por outro lado, essa tacita

condição traz a carta regia de 27 de fevereiro de 1501, porque permuta a renda, por mil cruzados de tença, *emquanto o donatario não entrar na posse.*

Fica claro que D. Manuel reconhece que o senhorio não é seu, e que pensava em negocial-o com o dono, o mestrado de Santiago; que, emquanto o não obtinha para o dar a Vasco da Gama, lhe pagava pela equivalencia em dinheiro.

Seis annos depois, achamos a ordem de Santiago embargando Vasco da Gama em Sines, nos actos de posse, dominio e acção que fazia no que não era seu; entre outras coisas casas de moradia. Elle não se conformou, o que se deixa ver pela necessidade que a ordem teve de appellar para a justiça d'el-rei.

Este expediu o seu alvará, mantendo os direitos da ordem e cumprindo o que lhe requeriam, mandando sair de Sines Vasco e sua familia.

Amicus Plato, sed magis amicus veritas — sentença que seguiu D. Manuel e que estamos seguindo nós tambem.

Acrescia á justiça da cauza, por parte do mestrado, a circunstancia de ser D. Jorge, sobrinho de D. Manuel, o bastardo de D. João II, o chefe da ordem. D. Manuel era excessivamente propenso a fazer todas as vontades a este parente que tanto lhe fôra recommendado em testamento do pai, e que elle expoliára em direitos, recebendo o trono. Vasco da Gama valia muito; mas a justiça da ordem e a qualidade do mestre valiam mais.

Vasco da Gama voltou da sua segunda viagem cansado; era natural que quisesse repousar no gozo da familia e das suas rendas. E' tambem natural que se não resignasse a uma sujeição ou exagerasse como afronta o que fora apenas um acto de justiça e de necessidade.

Retirou-se á vida particular; foi, segundo parece, viver para Evora, queixando-se a miudo da injustiça com que o tratavam. Quizera sair do reino.

A pendencia tomou com o tempo sério vulto, porque o duque de Bragança, D. Jayme, intrometeu-se nella, dando-lhe um remate airoso.

Vendeu ao almirante duas villas suas — a da Vidigueira e a dos Frades, por 300.000 reaes de juro e quatro mil ducados em dinheiro.

Obteve de D. Manuel, para Vasco da Gama, o titulo de conde da primeira. A escritura da venda foi lavrada, em Evora, em 7 de novembro de 1519 e o titulo e a retificação da compra e venda foram decretados por el-rei, em 17 de Dezembro desse mesmo anno.

D. Antonio Caetano de Souza relata o caso no vol. 5° da Historia Genealogica, pag. 575 e os respetivos documentos acham-se no Archivo Nacional, L° 7° do Guadiana, fs. 221 verso.

***

Não defendemos o rei nem acusamos o heroe. Aquelle, por ventura esquecia os serviços quando elles não eram prestados com humilhação; este, lembrava-os de mais, considerando-os, como eram, superiores a toda a paga.

Este conflito não pode surpreender o historiador calmo e refletido. O caso não é original: nem então, nem hoje. O condestavel Nuno Alvares Pereira, teve-o egual com D. João 1º; o duque de Saldanha, nos nossos dias, exagerou-o, com uma grande dose de desaire para si e para o reino, que elle efetivamente salvou das garras do despotismo.

Mas, dizer que D. Manuel demittiu Vasco da Gama e nunca mais quiz saber delle, é, como fica demonstrado, uma total inversão da verdade.

*
* *

Vasco da Gama, o belo symbolo d'um povo iluminado pelo sol das grandes, das civilisadoras conquistas, fica ileso, immaculado no seu grandioso pedestal.